



Hélio Toth

ODONTOLOGIA

Centro atende, em Araçatuba, 4.500 pacientes excepcionais de nove Estados brasileiros

Pág. 5

SAÚDE

Pesquisa mostra relação entre microcomputadores e câncer

Pág. 7



M.C. Escher

A UNIVERSIDADE VIRTUAL

UNESP apresenta projeto de Ensino a Distância à Fapesp e chega às portas de uma nova era
Págs. 8 e 9

CRISE

Entre pessimistas e esperançosos, economistas indicam caminhos para o aperto econômico do País. Pág. 3

EXTENSÃO

Docentes desenvolvem projeto de ajuda a Ocaçu, município na região de Marília. Pág. 4

NO TEMPO DOS DINOSSAUROS

Fósseis de 80 milhões de anos revelam a existência de uma nova espécie de dinossauro no interior de São Paulo. Pág. 16



Beiro Baptista

Réplica do titanossauro, em tamanho original, no Museu de Paleontologia de Monte Alto

MAMÃE ANTES DA HORA

Dobra o número de adolescentes grávidas no País

Págs. 12 e 13

Recortes de cartolina

EDMUNDO JOSÉ DE LUCCA



Por ocasião de encontro realizado em recinto anexo à sala de reuniões do Conselho Universitário da UNESP, no 17º andar do prédio da Reitoria, em São Paulo, recolhi algumas fichas de cartolina, provavelmente utilizadas em algum curso e ali deixadas sobre a mesa. A curiosidade me levou a ler o que estava escrito em cada ficha, fazendo-me deparar com dizeres que me instigaram à reflexão. Transcrevo-os a seguir:

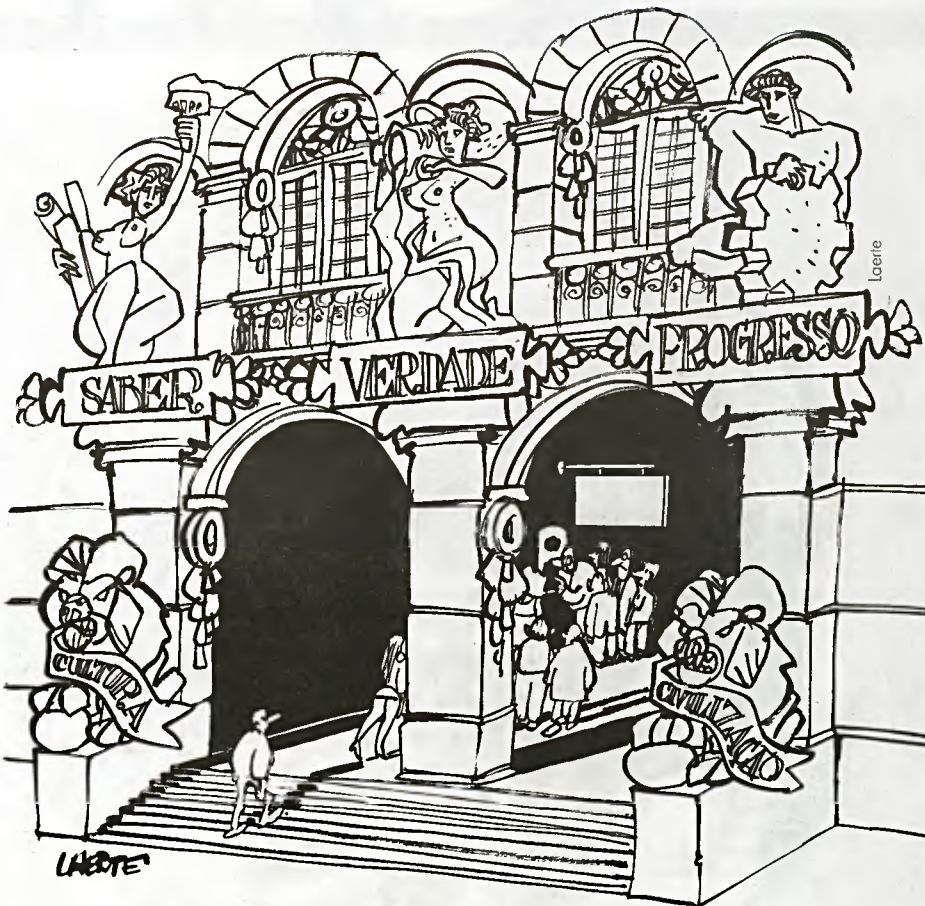
- "A comunidade acadêmica não está conseguindo mobilizar (levar) a sociedade a atuar em defesa da universidade."
- "A universidade pública não tem argumentos consistentes para se defender."
- "A universidade não tem trabalhado os problemas concretos que a sociedade apresenta."
- "Descompromisso social da comunidade acadêmica (papel social da universidade pública)."
- "Pouca integração comunidade-universidade-empresa."

Havia ainda outras fichas, mas quero me ater às acima transcritas. Expressam elas: a precária integração universidade – sociedade, com as dificuldades da primeira em responder às necessidades da segunda; a inaptidão da universidade para mover-se num mundo que se caracteriza pela velocidade das transformações, tecnológicas e institucionais, principalmente.

Para enfrentar e superar essa situação, um quesito se coloca a cada universidade: ter sua comunidade interna estruturado um pacto que dê sustentação a uma efetiva e profunda reforma universitária.

Os procedimentos adotados no delineamento das pesquisas universitárias são os mais diversos, alguns mais próprios de determinadas áreas do conhecimento que de outras. Na área biológica, por exemplo, frequentemente assim se procede: em um primeiro momento faz-se um levantamento bibliográfico de trabalhos, com prevalência, em muitos casos, daqueles realizados no Exterior, para o levantamento dos problemas não resolvidos; em seguida, a seleção do problema a ser objeto da pesquisa. Contudo, uma vez generalizada esta forma de proceder, empobrecida fica a missão da universidade.

É importante que se reconheça que, nas universidades brasileiras, e a UNESP não foge à regra, pesquisas não estribadas em problemas colocados pela sociedade nem destinadas ao enfrentamento dos mesmos são produzidas em percentagem preocupante. Este fato faz lembrar que a velha imagem da "torre de marfim" ainda está vigente. Uma realidade que necessita ser mudada, como reconhece a Fapesp que, mediante programas institucionais, vem induzindo o estreitamento das relações do Sistema Estadual de



Pesquisa com a sociedade em geral.

Raros são os exemplos de universidades brasileiras que bem aproveitaram os espaços permitidos pela legislação federal para propor currículos experimentais, rever o conteúdo e o número de horas das disciplinas básicas e propor disciplinas básicas por iniciativa própria. Em geral, essas instituições ajustaram-se de forma passiva às indicações das disciplinas básicas do então Conselho Federal de Educação (CFE), muitas das quais mantidas inalteradas, quando tudo mais mudava, durante décadas. Daí a "distância entre a sala de aula e o dia-a-dia" constatada por muitos educadores brasileiros e a cada vez mais reiterada assertiva de nossos graduados "de que mais aprenderam com a realidade, depois de sair da universidade".

Agora, com as anunciadas diretrizes curriculares, que deverão substituir os currículos mínimos, pelo Conselho Nacional de Educação, aumentam as responsabilidades das universidades de desenvolver propostas pedagógicas inovadoras, adequadas às suas respectivas realidades. Vejo, na UNESP, uma grande motivação para empreender propostas dessa envergadura, voltadas ao ensino realista e cientificamente atualizado e conduzidas mediante a valorização e o enriquecimento das atividades em sala de aula. Há que se citar, ainda, a sistemática criação de novas condições formadoras, aquelas por alguns chamadas de para-sistemas de ensino.

Referentes à Extensão Universitária, são ainda incomuns as atividades desenvolvidas por universidades brasileiras com fundamento em prioridades institucionais pre-concebidas e projetos de forte conteúdo acadêmico – social e de sentido de longo prazo.

Na UNESP, consonte o estabelecido no "Plano de Gestão UNESP – 1997-2000", vem

sendo implementada uma política que tem por finalidade a institucionalização e a valorização das atividades de extensão. Segundo essa política, toda e qualquer atividade dita de extensão só tem sentido se adquirir conteúdo acadêmico, ou seja, se provocar consequências no ensino e na pesquisa; se tiver caráter sistemático, de continuidade; se for relevante para a sociedade, por suas contribuições, quer ao enfrentamento de determinada situação problemática posta pela sociedade, quer ao impedimento de que dada situação se transforme em realidade não desejada. O êxito desta política é crucial para que, na UNESP, à frente de muitas outras universidades, seja superado, em definitivo, o estigma de ser a extensão universitária a expressão de atividades ocasionais, descontínuas e irrelevantes da perspectiva acadêmica ou de serviços assistenciais.

Ter uma extensão forte é fator imprescindível à UNESP, para seu avanço enquanto Universidade de primeira linha. Para isso, é preciso que, no âmbito da UNESP, a interação da extensão com o ensino e a pesquisa seja fecunda, possibilitando que essas atividades-fim da Universidade sejam igualmente fortes.

Para avançar nesse sentido, a vontade e o trabalho de poucos não bastam, sejam estes dirigentes ou não. Importa, verdadeiramente, o empenho do conjunto da comunidade unespiana, de seus professores em especial.

Se isso vier a ocorrer, como creio que virá, dia chegará, não distante, que dizeres como os encontrados não mais instigarão à reflexão, se a referência exclusiva dos mesmos for a UNESP.

Edmundo José de Lucca é pró-reitor de Extensão Universitária da UNESP.

CARTAS

GEOCIÊNCIAS

Geólogo, formado com a primeira turma do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) da UNESP, câmpus de Rio Claro, estou terminando meu doutorado em Geociências e Meio Ambiente na mesma instituição. Gostaria de parabenizar a equipe que faz o *Jornal da UNESP* e tomo a liberdade de sugerir que sejam publicadas mais matérias sobre Geociências, pois se trata de assunto muito importante para o Brasil, um País de dimensões continentais que pouco conhece o seu território. Docentes, discentes e leigos têm muito a ganhar cada vez que esse tema é abordado.

Tomaz Alberto Franco Coelho, geólogo, Rio Claro, SP.

Nas últimas oito edições, o *Jornal da UNESP* abordou as Geociências em pelo menos quatro grandes reportagens, todas com chamadas na capa. Na edição de nº 126, de julho do ano passado, o texto Em defesa da vida falava das ONGs do Estado de São Paulo; o nº 129, outubro de 98, abordou a questão dos agrotóxicos na reportagem Onde mora o perigo; na edição de novembro/98, nº 130, cobriu a 6ª Conferência Internacional de Wetlands. Finalmente, na presente edição (pág. 16), voltamos ao tema com a questão dos sítios arqueológicos descobertos na região Centro-Norte do Estado de São Paulo. Foram sete páginas em oito edições. Levando-se em conta a diversidade das pesquisas empreendidas pela UNESP, o número de páginas do *Jornal* (16) e a sua periodicidade (mensal), você há de concordar, Tomaz, que as Geociências, afinal, têm ocupado um espaço generoso na publicação.

CRIATIVIDADE I

Gostaria de parabenizá-los pela reportagem "Enigmas da Criação" (nº 131, edição de dezembro/98). As discussões do I Congresso Internacional de Criatividade, de que tive a oportunidade e o prazer de ser um dos coordenadores, foram reproduzidas com fidelidade incomum em publicações do gênero. Eduardo Yázigl, planejador urbano, professor do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo.

CRIATIVIDADE II

Tive a satisfação de conhecer o excelente *Jornal da UNESP* por meio da edição nº 131, de dezembro/98. A matéria que mais me chamou a atenção foi "Enigmas da Criação", que trata justamente do tema que estou desenvolvendo na minha monografia de conclusão do curso em Comunicação Social – Habilitação Publicidade e Propaganda, na Universidade Regional de Blumenau, SC. Em tempo: como faço para ter acesso aos anais do I Congresso Internacional de Criatividade, realizado na Reitoria da UNESP, em novembro último? Roger Pellizoni, graduando em Comunicação Social, Habilitação Publicidade e Propaganda, Universidade Regional de Blumenau, SC.

Os anais do I Congresso Internacional de Criatividade podem ser obtidos na Seção de Pós-Graduação do Instituto de Artes da UNESP, câmpus de São Paulo, pelo telefone (011) 6914-3177, ao preço de R\$10,00.

PLANO DE CARREIRA

Agradeço a publicação do meu artigo "O Novo Plano de Carreira" na seção "Opinião" (nº 132, janeiro/fevereiro/1999). Espero ter contribuído para a reflexão sobre esse importante tema junto à comunidade dos servidores técnicos e administrativos. José Munhoz Fernandes, servidor técnico-administrativo no câmpus de Bauru e mestrando em Administração na Universidade Federal de Santa Catarina.

ALUNO ESPECIAL

Solicito informações sobre data de matrícula, requisitos e documentação necessária para a admissão como Aluno Especial da UNESP, nos câmpus de Araraquara e Franca. Wanderley Aparecido de Souza, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, Limeira, SP.

Informações sobre Aluno Especial podem ser obtidas junto à Divisão Técnica Acadêmica do câmpus de Araraquara (016-232-0444, com Alzira) ou de Franca (016-711-1820/21, com Luzinete).

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Reitor: Antonio Manoel dos Santos Silva
Vice-reitor: Luis Roberto de Toledo Ramalho
Pró-reitor de Administração: Ricardo Antonio de Arruda Veiga
Pró-reitora de Graduação: Maria Aparecida Viggiani Bicudo
Pró-reitor de Pós-graduação e Pesquisa: Fernando Mendes Pereira
Pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários: Edmundo José De Lucca
Secretária Geral: Maria de Lourdes Mariotto Haidar

Diretores das Unidades Universitárias: João César Bedran de Castro (FO-Araçatuba), Paulo Eduardo de Toledo Salgado (FCF-Araraquara), Wellington Dinelli (FO-Araraquara), Cláudio Gomide de Souza (FCL-Araraquara), José Roberto Ernandes (IQ-Araraquara), Antônio Quelce Salgado (FCL-Assis), Cleide Santos Costa Biancardi (FAAC-Bauru), José Misael Ferreira do Vale (FC-Bauru), Edwin Avolio (FET-Bauru), Elias José Simon (FCA-Botucatu), Paulo Eduardo de Abreu Machado (FM-Botucatu), Sheila Zambello de Pinho (IB-Botucatu), Eunice Oba (FMVZ-Botucatu), Luiz Antonio Soares Hertz (FHDSS-Franca), Fernando Augusto Silva Marins (FE-Guaratinguetá), Orivaldo Arf (FE-Ilha Solteira), Júlio César Durigan (FCAV-Jaboticabal), Antônio Geraldo de Aguiar (FFC-Marília), Messias Meneguette Junior (FCT-Presidente Prudente), Osvaldo

Aulino da Silva (IB-Rio Claro), Silvio Carlos Brey (IGCE-Rio Claro), Eurípedes Alves da Silva (Ibilce-São José do Rio Preto), José Eduardo Junho de Araújo (FO-São José dos Campos) e Regina Coeli Guedes de Souza Pinto (IA-São Paulo).

JORNAL DA UNESP

Editor chefe: José Roberto Ferreira
Editor: Paulo Velloso
Redação: Evanildo da Silveira e Oscar D'Ambrosio
Editor de Arte: Celso Pupo
Edit. Eletrônica: Paulo Nunes Rocha
Fotografia: Hélcio Toth
Colaboraram nesta edição: Alejandro Fabian, Renata Franco e Tânia Belickas (reportagem); Beto Baptista (fotografia); Mariza e Paulo Zilberman (ilustração)

Produção: Mara R. Marcato e Patrícia do Carmo
Revisão: Maria Luiza Simões
Tiragem: 15.000 exemplares

Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa.

A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.
Endereço: Alameda Santos, 647, 13º andar, CEP 01419-001, São Paulo, SP. Telefone (011) 252-0323 e 252-0327. Fax (011) 252-0207. e-mail: aci@reitoria.unesp.br. e-mail para solicitação de alteração na mala direta: maramar@reitoria.unesp.br
NA INTERNET: www.unesp.br/jornal/jornalunesp.htm
Fotolito e Impressão: Imprensa Oficial

Os (des)caminhos da crise

Entre pessimistas e esperançosos, economistas sugerem saídas para o aperto econômico do País

Esquecida com a estabilidade do real, a palavra crise voltou lentamente à cena, em outubro último, com a derrocada econômica da Rússia, e agora, com força total, quando alguns Estados não tiveram como pagar suas dívidas ao Governo Federal. Para piorar, o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), a principal fonte de receita tributária dos Estados, está em queda com a estagnação da atividade econômica. "O momento é crítico", avalia o economista Hélio Rodrigues, do Departamento de Economia da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, câmpus de Araraquara.

Professor de Economia do Setor Público, Rodrigues julga que as estimativas otimistas de recuperação financeira até o final de 1999 podem ser esquecidas. "O panorama não é animador. O cenário é negativo no primeiro semestre e dificilmente melhorará no segundo, podendo-se esperar uma queda do PIB da ordem de 4% a 5%."

RECUPERAÇÃO

Nem todos os profissionais da área financeira, porém, compartilham esse pessimismo. O economista Marcos Eugênio da Silva, professor da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (FEA/USP), por exemplo, concorda que o primeiro semestre será difícil, mas acredita que haverá uma recuperação a partir de julho. "O aumento das exportações será a forma de reativar a economia interna", diz.

Para Rodrigues, da FCL, essa retomada da atividade econômica só será possível se a desvalorização do real efetivamente incentivar a exportação. "No entanto, não se pode esquecer que exportar depende também da conjuntura internacional", avalia. Ele acrescenta que, com a queda da moeda nacional perante o dólar, as importações tendem a cair, pois os produtos vindos do Exterior serão muito caros. "Portanto, alguns setores da economia, como laticínios, pecuária, calçados e autopeças, devem se recuperar para abastecer o mercado interno."

Outro caminho para aumentar as exportações rumo à recuperação econômica seria, para Rodrigues, uma reformulação da Lei Kandir, que, criada em 1997, isen-

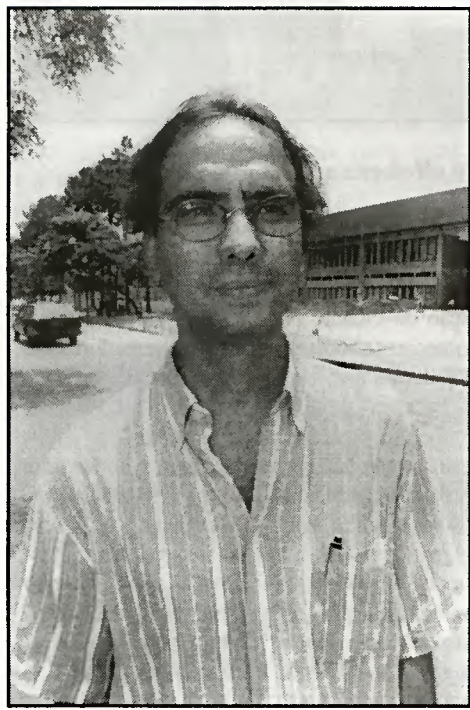
ta do pagamento do ICMS alguns exportadores. Para compensar a queda de arrecadação dos Estados, o Governo Federal se comprometeu a dar um repasse financeiro aos governos estaduais que mais sofressem com a nova lei. "São Paulo foi muito prejudicado e o Governo Federal já admite revisões na Lei Kandir", alega Rodrigues. "A Lei precisaria ter sempre em vista que o essencial é manter a competitividade internacional", argumenta, por sua vez, o economista Otaviano Canuto, do Instituto de Economia da Unicamp.

FUNDO DO POÇO

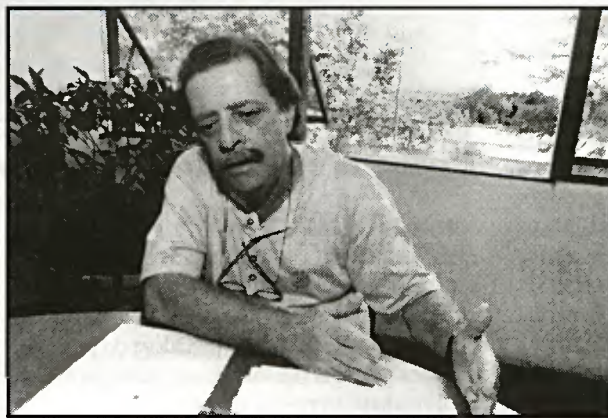
Há economistas, no entanto, que analisam a situação por uma ótica bem pessimista. É o caso de José Murari Bovo, do Departamento de Economia da FCL da UNESP, câmpus de Araraquara. "Já estamos no fundo do poço. É necessário mudar a política econômica para crescer, pois manter os juros altos como estão é suicídio", afirma. Impedir a elevação excessiva dos juros também é um dos principais pontos para combater a crise, segundo o economista Claudio Felisoni de Angelo, chefe do Departamento de Administração da FEA/USP. "Somente assim será possível retornar a uma certa estabilidade, impedindo que o cenário de inflação alta se repita", avalia.

Canuto, da Unicamp, concorda. "Com os altos juros resultantes da política econômica imposta pelo FMI, há inibição no consumo nas compras a prazo. Além disso, as empresas hesitam em tomar empréstimos para realizar investimentos", afirma. "Hoje, as perspectivas para o Brasil, para o Estado de São Paulo e para a universidade pública são pouco animadoras", arremata Rodrigues, da FCL (veja quadro).

Bovo argumenta que o crescimento econômico é o único caminho para sair da crise. "Melhores salários significam mais renda e mais consumo. Isso aquece o mercado interno e possibilita maior circulação de mercadorias, o que eleva a arrecadação de impostos e dá aos Estados fôlego para sobreviver e saldar suas dívidas com a União", conclui.



Fotos Hélio Toth



Monico Richier

ANÁLISES
Silva, da USP (à esq.), e Bovo, da UNESP: exportações e queda dos juros

A SAÍDA, ONDE FICA A SAÍDA?

Para especialistas, a solução é buscar convênios internacionais e racionalizar gastos

A crise econômica afeta diretamente as universidades públicas, que sobrevivem dos repasses estaduais que recebem do ICMS. Como a arrecadação do imposto vem caindo, UNESP, USP e Unicamp também recebem menos dinheiro para saldar suas contas. Em janeiro de 1998, foi arrecadado R\$1,470 bilhão de ICMS pelo Estado, e esse valor caiu para R\$1,391 bilhão, ou seja, 0,2% a menos, no mesmo período deste ano. "É necessário diversificar as fontes de arrecadação, estabelecendo contatos com o setor privado e convênios internacionais. Isso, porém, só funcionará a médio prazo, pois não faz parte da nossa cultura institucional", avalia o economista Marcos Eugênio da Silva, da FEA/USP.

Buscar recursos externos, por outro lado,

ficou ainda mais difícil. "As empresas privadas não têm capital para investir e as agências de fomento, como a Fapesp, também estão sofrendo com a queda do ICMS", analisa o economista José Murari Bovo, do Departamento de Economia da FCL/UNESP, câmpus de Araraquara. "Se não se pode aumentar a receita, a única solução para equilibrar as finanças é gastar menos. Mas há limitações legais, como o pagamento dos inativos e a estabilidade dos docentes concursados", completa o economista Hélio Rodrigues, da mesma FCL.

REAValiação

Para Claudio Felisoni de Angelo, da FEA/USP, porém, não se deve ser pessimista quanto ao futuro da universidade pública. "Não



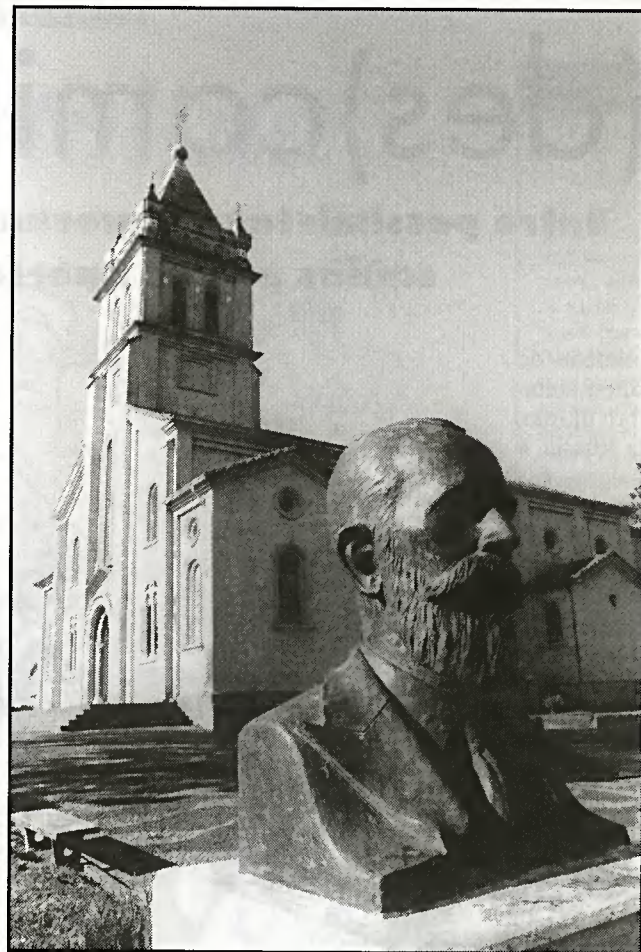
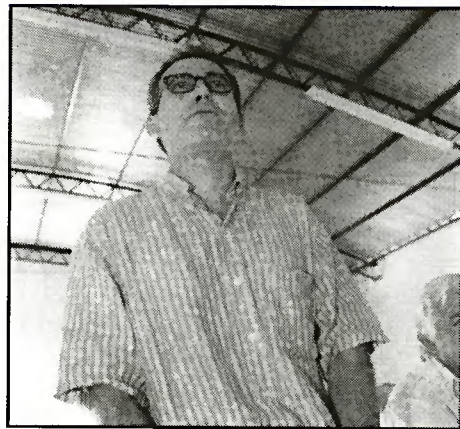
Angelo: sem desespero

há razões para desespero, desde que se busquem recursos na iniciativa privada, interagindo com organizações internacionais", avalia. Para o economista, o governo deve concentrar suas atenções no ensino básico e fundamental. "Os professores necessitam trabalhar mais horas e dar melhores aulas."

Para Marcos Eugênio da Silva, racionalizar gastos é prioridade. Bovo dá um exemplo concreto de como reduzir custos: "O número de departamentos é hoje excessivo. Reavaliar seu número significaria reduzir gratificações e economizar recursos". Há ainda aqueles que defendem outras alternativas, como cobrar mensalidades ou taxas de inscrição dos alunos das universidades públicas. "Não acredito em medidas desse tipo. Elas só tendem a elitizar o ensino", diz Silva.

A universidade cumprindo o seu papel

Docentes desenvolvem projeto de ajuda a Ocaúçu, município carente da região de Marília



Fotos Hélio Toth

AValiação
A Igreja matriz (ao lado) e Vandei Silva (à esq.): resultados acima das expectativas



O pequeno município de Ocaúçu, na região de Marília, tem apenas 4.541 habitantes, 3.000 deles na zona urbana (leia quadro). Por estar localizada numa das regiões mais pobres do Estado, no entanto, a cidade convive com problemas sociais típicos de uma metrópole: analfabetismo, alcoolismo, drogas e crianças fora da escola. A isso, somam-se problemas específicos, mas não exclusivos, de cidades pequenas, como falta de opções de emprego, cultura e lazer. Com o objetivo de apontar caminhos para a solução desses problemas e minorar as dificuldades dos habitantes de Ocaúçu, docentes da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da UNESP, câmpus de Marília, colocaram em prática o projeto de extensão universitária UNESP em parceria com as administrações públicas: município de Ocaúçu.

Uma cerimônia simples, realizada no dia 25 de janeiro, no modesto salão paroquial do município, a 20 metros da prefeitura, selou a parceria. O diretor da FFC, o pedagogo Antônio Geraldo de Aguiar, lembrou, então, que os primeiros passos nesse sentido foram dados em 1997. Em várias reuniões entre a UNESP, Prefeituras da região e o Escritório Regional de Articulação e Planejamento de Marília, órgão ligado à Secretaria de Estado de Planejamento, foram traçadas as linhas mestras de um projeto de ajuda à pequena cidade. "Ocaúçu é um dos oito municípios dessa região que fazem parte do programa Comunidade Solidária", explica Aguiar. "E esse foi um dos motivos de o termos escolhido: nosso projeto de extensão universitária se baseia nos moldes do Universidade Solidária, do qual Ocaúçu não participa."

O projeto envolve três docentes e 13 alunos dos cursos de Filosofia, Ciências Sociais, Pedagogia e Biblioteconomia da FFC. Depois de selecionados entre os voluntários, os estudantes tiveram um curso de capacitação. "Mostramos a eles o que é o projeto, a cidade e verificamos o que cada um poderia oferecer", explica a cientista social Maria Valéria Barbosa Veríssimo, uma das coordenadoras do projeto. "A idéia é aproveitar o potencial de cada aluno."

PROJETO PEDAGÓGICO

No período de 25 de janeiro a 2 de fevereiro, o programa teve um caráter intensivo. Estudantes e professores passaram o tempo todo na cidade, inclusive dormindo nas instalações da creche local. Nestas duas semanas, eles começaram a desenvolver atividades como alfabetização de crianças, jovens e adultos, elaboração de um projeto pedagógico para os funcionários e professores da creche e da pré-escola, montagem de uma brinquedoteca, projeção de filmes e gincanas.

A idéia agora é continuar prestando assessoria, para que essas atividades não parem. Em julho haverá outras duas semanas intensivas, quando os participantes do programa voltarão a



PROGRAMA INTENSIVO

A equipe da UNESP e o prefeito (no centro): alfabetização e meio ambiente

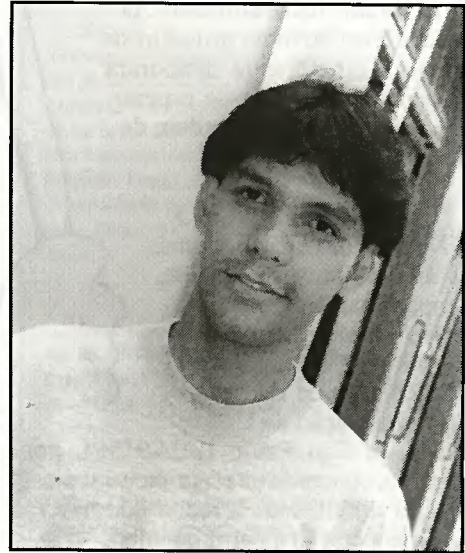
"morar" na cidade. "Como não podemos permanecer na cidade, formaremos multiplicadores", explica a cientista social Sueli Guadalupe de Lima Mendonça, do Departamento de Didática, da FFC, também coordenadora do projeto. "Vamos preparar pessoas daqui, para que dêem continuidade ao nosso trabalho."

Na avaliação do também coordenador e cientista social Vandei Pinto da Silva, do Departamento de Filosofia da FFC, as duas primeiras semanas de trabalhos superaram as expectativas. "No que diz respeito ao programa pedagógico para a creche e a pré-escola, já abordamos as áreas da Matemática, Música e Língua oral", conta Silva. "E discutimos com os professores das duas escolas de ensino fundamental e médio de Ocaúçu questões referentes às aulas de Educação Física, Educação Artística, Matemática, História, Geografia, Língua Portuguesa e Literatura". Dentro da atividade denominada "Tela da Noite", foram projetados filmes como

Central do Brasil, Titanic, Lamarca, Tempos modernos e Menino maluquinho, alguns dos quais com até 300 espectadores, 10% da população da cidade. Na área de meio ambiente, começou-se a discutir, com os vereadores e a população, a coleta seletiva de lixo.

Para os alunos-voluntários, a experiência também está sendo compensadora. "As aulas, apenas, não são suficientes para nos dar uma formação abrangente", diz a quartanista de Filosofia Andréa Rodrigues de Souza, 20 anos. "Além de poder ajudar as pessoas daqui, passando a elas um pouco do que estou aprendendo na faculdade, eu também cresço com esse contato com a realidade." O terceiranista de Pedagogia Adão Alves de Araújo, 24 anos, pensa de maneira semelhante. "Como pretendo trabalhar com alfabetização de adultos, esta experiência está sendo muito importante", constata.

Durante o lançamento do projeto, Aguiar falou justamente sobre esta troca de experiênci-



ALUNO

O terceiroanista Araújo: experiência

as. O pedagogo lembrou que a universidade tem como objetivo principal produzir conhecimento. "Mas isso só não basta", disse. "A universidade precisa socializar esse conhecimento, e uma das formas de fazê-lo é intervindo na realidade e melhorando a vida das pessoas." Para isso, ele admite, é preciso conhecer de perto os problemas do município. Assim, professores e alunos da UNESP que participam do projeto submeteram a população a um questionário, para descobrir o seu perfil socioeconômico. "Dessa forma, vamos poder encaminhar as soluções", diz Sueli.

Se depender do prefeito de Ocaúçu, Dorival Marzola, essa ajuda não faltará. "Este tipo de parceria é muito importante para um município pobre e pequeno como o nosso", reconhece Marzola. "Por isso, daremos todo o apoio que pudermos." Para Marzola, com as constantes mudanças pelas quais passa o mundo hoje, não se pode ficar parado no tempo. "Para que possamos administrar bem o município e atender à nossa população, é necessário que nossos funcionários se aperfeiçoem para melhor fazer o seu trabalho", ensina.

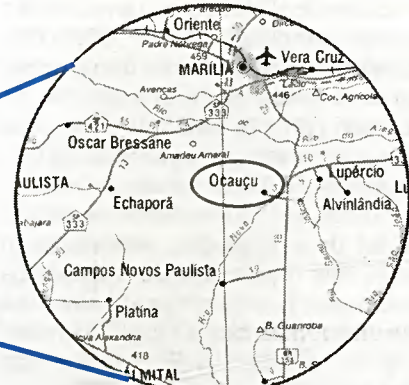
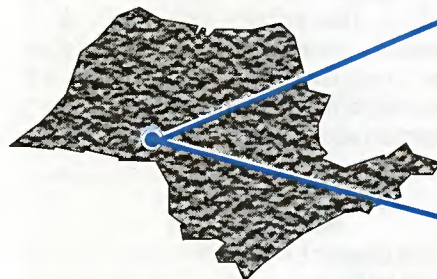
Evanildo da Silveira

Café, mandioca e pouca diversão

Ocaúçu localiza-se cerca de 40 quilômetros ao sul de Marília, tem 299 quilômetros quadrados de área e 4.541 habitantes, segundo dados da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o que significa uma densidade populacional de 15,18 habitantes por quilômetro quadrado. Sua economia gira em torno da agricultura, principalmente café, melancia, maracujá e mandioca.

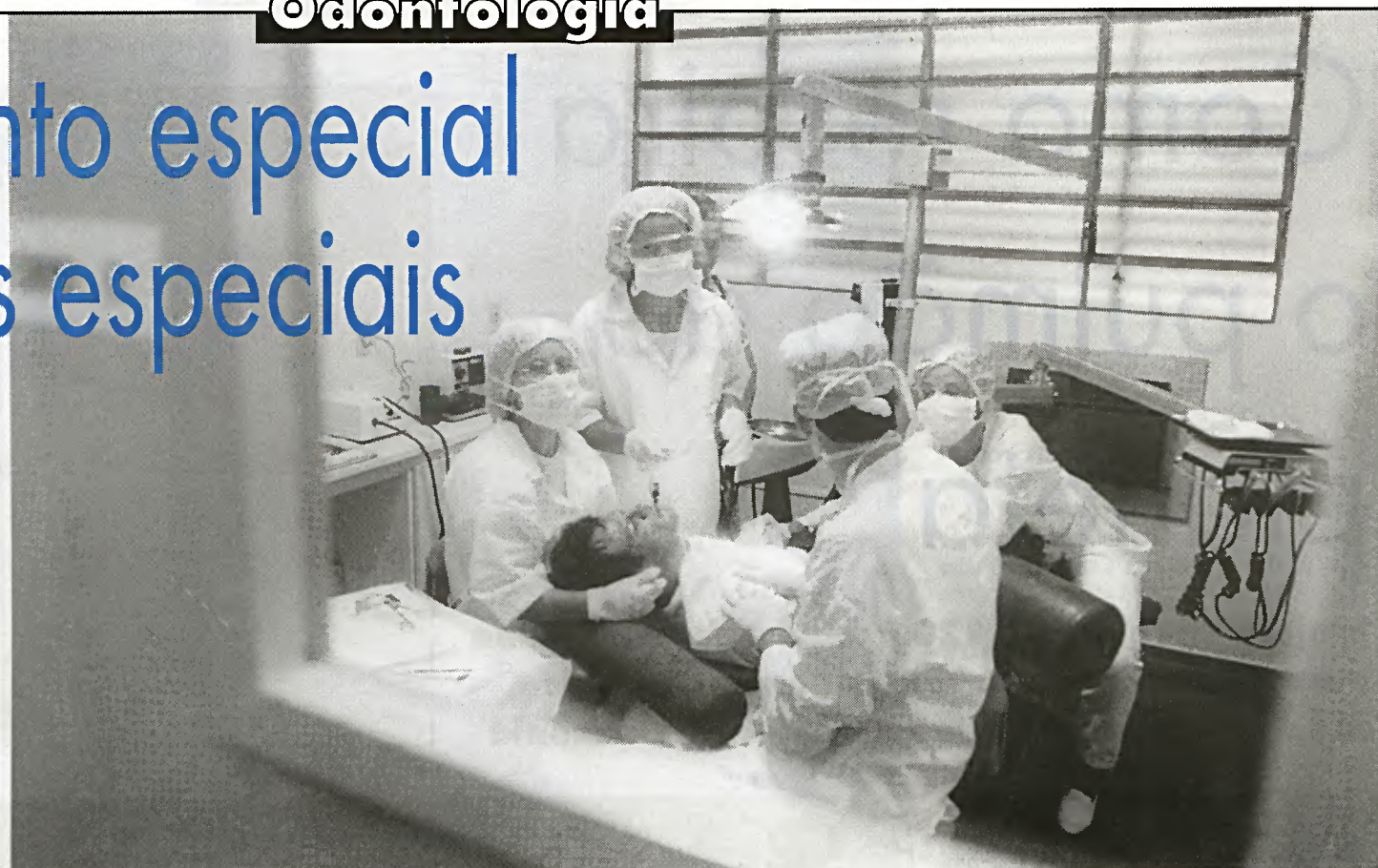
No item Educação, dados de 1995, da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE), os mais recentes disponíveis, mostravam que o município tinha 892 alunos matriculados no antigo 1º grau (hoje ensino fundamental) e 126 no 2º grau (en-

sino médio). A taxa de analfabetismo na população adulta, em 1991, era de 21,30%, mais do que o dobro da média do Estado de São Paulo, que era de 10,16%. Praticamente não há opções de lazer. (E.S.)



Atendimento especial para seres especiais

Centro odontológico atende 4.500 pacientes excepcionais de nove Estados brasileiros



Fotos Hélio Toth

CAOE Trabalho pioneiro, no País: duas mil cirurgias sem um único óbito

Há 26 anos, o pedreiro Lauro Lazari e sua mulher, a dona-de-casa Gonçalina, dão uma prova diária de como o amor dos pais por seus filhos pode ser incondicional. Há 26 anos nasceu Ana Cláudia, a primogênita do casal. Um ano depois, antes que eles percebessem que ela jamais seria uma pessoa comum, nasceu Elisângela. Mais quatro anos e veio ao mundo Cristiano. Como suas duas irmãs, o caçula é especial. Os três são deficientes mentais. Não falam e, se consciência do mundo têm, não se sabe. Por isso, em qualquer especialidade médica, eles são considerados pacientes especiais.

O Centro de Assistência Odontológica a Excepcionais (Caoe), o Centrinho, da Faculdade de Odontologia da UNESP, câmpus de Araçatuba, nasceu justamente para tratar esse tipo de paciente. A sua assistência, no entanto, vai muito além do simples atendimento odontológico. Além de 14 cirurgiões-dentistas, o Caoe conta ainda com os serviços de mais 30 profissionais da área de saúde, que incluem fonoaudiólogas, cardiologista, neurologista, anestesiológica, assistente social, psicóloga, fisioterapeuta, terapeuta ocupacional, enfermeira, auxiliares de enfermagem, auxiliares hospitalares e auxiliares de odontologia – assessores por 12 voluntários de outras áreas.

São profissionais que não medem esforços para tratar seus pacientes, como reconhece Lazari. Ele e a mulher viajam cerca de 300 quilômetros, de Orlandia, onde moram, até Araçatuba, para levar os três filhos ao Caoe. “É uma viagem longa, mas vale a pena”, considera Lazari. “Aqui, meus filhos são muito bem tratados.”

PIONEIRISMO

Para o supervisor do Caoe, Edmur Callestini, que também é cirurgião-dentista, nem só os pacientes do Centrinho são especiais. “Nossos profissionais também têm algo de especial”, enfatiza. O cirurgião-dentista Márcio José Possari Santos é um exemplo desse tipo de profissional. Antes de ser contratado pelo Centrinho, há três anos, Santos trabalhou dois anos num hospital psiquiátrico em Lins e um ano na Faculdade de Odontologia da USP, em Ribeirão Preto, lidando com excepcionais. “Resolvi me dedicar ao trabalho com pacientes especiais porque faltam profissionais nessa área”, explica. “E o Caoe é pioneiro no Brasil.” Callestini confirma. “Antes do nosso centro surgir, esse tipo de paciente era submetido a um ‘tratamento’ radical: todos os

seus dentes eram arrancados.”

Hoje, a forma de tratar os excepcionais é outra. No Caoe, os profissionais tratam os pacientes preparando-os para o atendimento. Assim, a fisioterapeuta, entre outras coisas, trabalha sobre as posições de relaxamento para evitar os movimentos involuntários; a terapeuta ocupacional auxilia na coordenação de movimentos, importante para a escovação; a fonoaudióloga auxilia no movimento de deglutição; o cardiologista avalia as condições cardíológicas e vasculares...

DE PONTA-CABEÇA

O cardiologista Antônio Donizeti Soares, no Caoe desde 1987, diz que tratar o excepcional é uma arte. “Ele tem comprometimento de quase todos os órgãos”, explica. “Além disso, para realizar um diagnóstico preciso é necessário ter sensibilidade, porque os pacientes não sabem informar, ou informam mal, o que sentem.” Mesmo com essas dificuldades, a equipe de Soares, que inclui

também um neurologista, um pediatra, um clínico geral e uma anestesista, se orgulha de ter realizado cerca de duas mil cirurgias em excepcionais sem nunca ter ocorrido uma morte, durante a operação ou no pós-operatório.

O resultado do esforço conjunto desses profissionais é um tratamento de melhor qualidade e a redução no número de anestésias gerais. “Dos 4.500 pacientes que atendemos, só 8% necessitam de anestesia geral”, revela Callestini. Apesar dessas complicações, do ponto de vista estritamente odontológico não há grande diferença entre tratar um paciente comum e um excepcional. “Além do suporte médico, a única diferença é que nós temos que nos adaptar às posições deles”, explica a cirurgiã-dentista Liliane Passanezi Almeida Lousada, há 6 anos no Caoe. “Às vezes, a gente tem de ficar quase de ponta-cabeça, mas vale a pena. Qualquer coisinha que a gente faz é retribuída de forma intensa.”

Evânildo da Silveira



RECONHECIMENTO
Lazari e família: “A viagem é longa, mas vale a pena”

TRATAMENTO INTEGRAL

Para realizar seu trabalho, o Caoe conta com três fontes principais de financiamento: a UNESP, o Sistema Único de Saúde e a Sociedade Pró-Estudo, Pesquisa e Assistência de Pacientes Especiais (Sepae). Criada há dez anos, a Sepae é formada por profissionais do centro e por um grupo de voluntários, que promovem eventos, chás, almoços e bazares beneficentes para arrecadar fundos. Além delas, há as Associações dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAEs) e prefeituras das cidades,

que também colaboram. O próprio Centrinho tem uma assistente social, que se esforça para diminuir as dificuldades das famílias e evitar a interrupção do tratamento dos pacientes especiais. “Organizamos, por exemplo, o que a gente chama de ‘vindas agrupadas’”, explica a assistente social do Caoe, Maria de Lourdes Melo. “Agrupamos os pacientes, a prefeitura providencia o transporte e eles passam o dia todo sendo assistidos por vários profissionais.”

(E.S.)

Centro é modelo para Ministério da Saúde

O Centro de Assistência Odontológica a Excepcionais (Caoe) foi criado em 1985 pelo professor Ruy dos Santos Pinto. O objetivo é prestar assistência a excepcionais, orientar seus familiares sobre suas inter-relações pessoais e seus problemas de saúde, higiene, habitação e hábitos, esclarecer alunos, especialistas, pós-graduandos, docentes e a comunidade sobre a prevenção, promoção de saúde e tratamento.

Seus ambulatórios estão instalados num prédio de 1.152 m², com ampliação programada para 2.974 m², no câmpus da UNESP de Araçatuba. O Caoe conta com um centro cirúrgico, num prédio à parte, de 400 m². Em seus registros, o centro tem matriculados cerca de 4.500 excepcionais de 279 cidades de nove Estados do Brasil.

Além dos contratados, que não são docentes da UNESP — o único docente é o supervisor, Edmur Callestini —, o Centrinho dispõe ainda de profissionais consultores e colaboradores: quatro cirurgiões-dentistas, dois ortopedistas, dois pediatras, um biofísico, um cirurgião plástico, um engenheiro mecânico, um otorrinolaringologista e um psiquiatra, que trabalham como voluntários.

No centro também são realizadas pesquisas e criados modelos de estudo e manuais, que servem de material de apoio para os cursos de capacitação ministrados por seus profissionais. O Caoe tem, ainda, o que talvez seja o maior banco de dados sobre problemas de excepcionais do País, e o Programa Nacional de Assistência Odontológica Integrada ao Paciente Especial, criado em 1991 pelo Ministério da Saúde, é baseado em sistemática desenvolvida ali.

(E.S.)



Callestini: banco de dados



Como respira o pulmão do planeta

Projeto envolvendo 120 pesquisadores de todo o mundo investiga as conseqüências globais dos desmatamentos e queimadas na Amazônia

A pesar da crescente preocupação mundial quanto à conservação dos recursos naturais, as florestas tropicais do mundo, com sua ampla biodiversidade, continuam a desaparecer em ritmo acelerado. Segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), somente no ano passado, o desflorestamento chegou a 16.838 km². Incertos sobre quais as conseqüências do desmatamento e das queimadas na Amazônia para as outras nações do globo, cientistas de todo o mundo se deslocaram para a região, em janeiro e fevereiro últimos, para participar do Projeto LBA (*Large Scale Biosphere Atmosphere Experiment in Amazonia* – Experimento de Grande Escala da Biosfera-Atmosfera na Amazônia), um empreendimento que envolve o Inpe, o Centro Tecnológico da Aeronáutica (CTA) e universidades federais e estaduais brasileiras, como UNESP e USP, além da agência militar espacial norte-americana Nasa e de diversas universidades dos EUA e da Europa. “Queremos entender como as alterações físicas e biológicas das florestas podem influenciar o clima mundial”, diz um dos participantes do projeto, o especialista em radares Mauricio de Agostinho Antonio, pesquisador do Instituto de Pesquisas Meteorológicas (IPMet), unidade complementar da UNESP, câmpus de Bauri.

O LBA envolve um investimento de 100 milhões de dólares, entre 1998 e 2003. Cerca de 120 pesquisadores de todo o mundo, dois aviões norte-americanos, três radares da Nasa, quatro balões de coleta de dados meteorológicos e 38 sensores pluviométricos desenvolveram uma campanha intensiva na estação chuvosa. “O objetivo é saber o máximo possível sobre a chuva e o clima da região nesse período do ano”, explica Ciro Antonio Rosolem, diretor do IPMet.

Um dos idealizadores do Projeto, o cientista Carlos Nobre, chefe do Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos (Cpetic) do Inpe, ligado ao Ministério da Ciência e Tecnologia, lembra por que recorreu à UNESP. “Contatei o professor Mauricio quando houve a necessidade



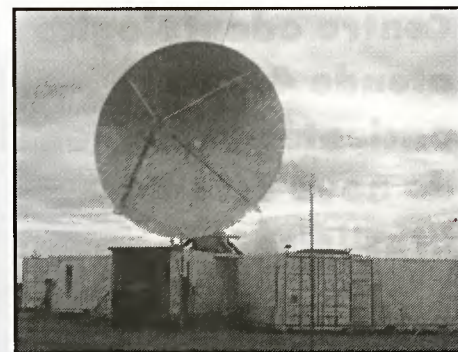
de um gabaritado especialista em meteorologia para atuar nos radares norte-americanos que foram instalados na Amazônia”, conta.

Além de trabalhar nesses radares, Mauricio selecionou o local que serviu de base para a pesquisa. Após um ano e meio de estudos e viagens à Amazônia, optou por Ji-Paraná, RO. “Na região, zonas desmatadas e virgens estão relativamente próximas, o que ajuda a coletar e comparar dados”, diz. “Contamos ainda com a proximidade da rodovia BR-364 e a logística da Iamá, uma ONG que atua na



Hélio Toth

CLIMA
Mauricio, do IPMet, e o radar da Nasa (abaixo): alterações atmosféricas



Mauricio de Agostinho Antonio

deu nome à banda irlandesa de rock, voa acima das nuvens, a até 17 mil metros de altitude, e mede os fenômenos físicos e químicos que ocorrem dentro delas.

BALÕES E SENSORES

As informações, conseguidas pelos aviões, radares, balões e sensores, estarão sendo usadas, neste primeiro momento, pela Nasa, em colaboração com os pesquisadores brasileiros, para calibrar o funcionamento do satélite experimental TRMM (*Tropical Rainfall Measurement Mission* – Missão de Mensuração da Chuva Tropical), lançado, em parceria pelos EUA e pelo Japão, em novembro de 1997. “Ele orbita a 370 km de altura e passa pela região duas vezes por dia, coletando dados sobre o clima e a chuva”, explica Antonio. “Mas, como está ainda em fase de experiência, é necessário comparar os números que consegue aos obtidos pelos aviões. Assim, são realizados ajustes de posicionamento ou do equipamento.”

Segundo Antonio, nunca foi implementada uma operação parecida na Amazônia. “Após esta campanha na estação chuvosa, será realizada uma semelhante, em junho e julho de 2001, para coletar dados sobre o período seco”, conta. “A novidade do projeto é conceber a Amazônia como uma unidade regional. Comparando os dados do período de chuva com os do período de seca e os conseguidos nas zonas desmatadas e na floresta virgem, será possível compreender como as chuvas se formam e como são absorvidas pelo solo”, comenta Nobre, coordenador geral do LBA.

Após fevereiro, apenas cerca de 10% dos equipamentos instalados pela Nasa e pelas universidades dos EUA permanecerão em Rondônia. O resto volta para os EUA. “Porém, como co-responsável pela operação dos radares instalados em Rondônia, o Grupo de Radar do IPMet/UNESP será o depositário nacional dos dados originais coletados”, celebra Rosolem. “O LBA é um passo importante para buscar práticas de desenvolvimento sustentado na Amazônia, mas não esgota o assunto”, conclui Nobre.



ER-2
Uma tonelada de instrumentos

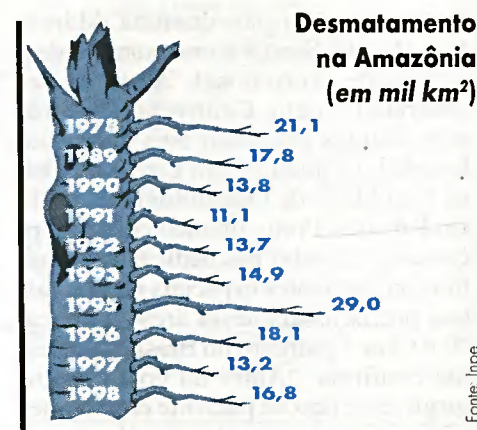
Não se pode esquecer do homem

ONG lembra importância da dimensão humana na região

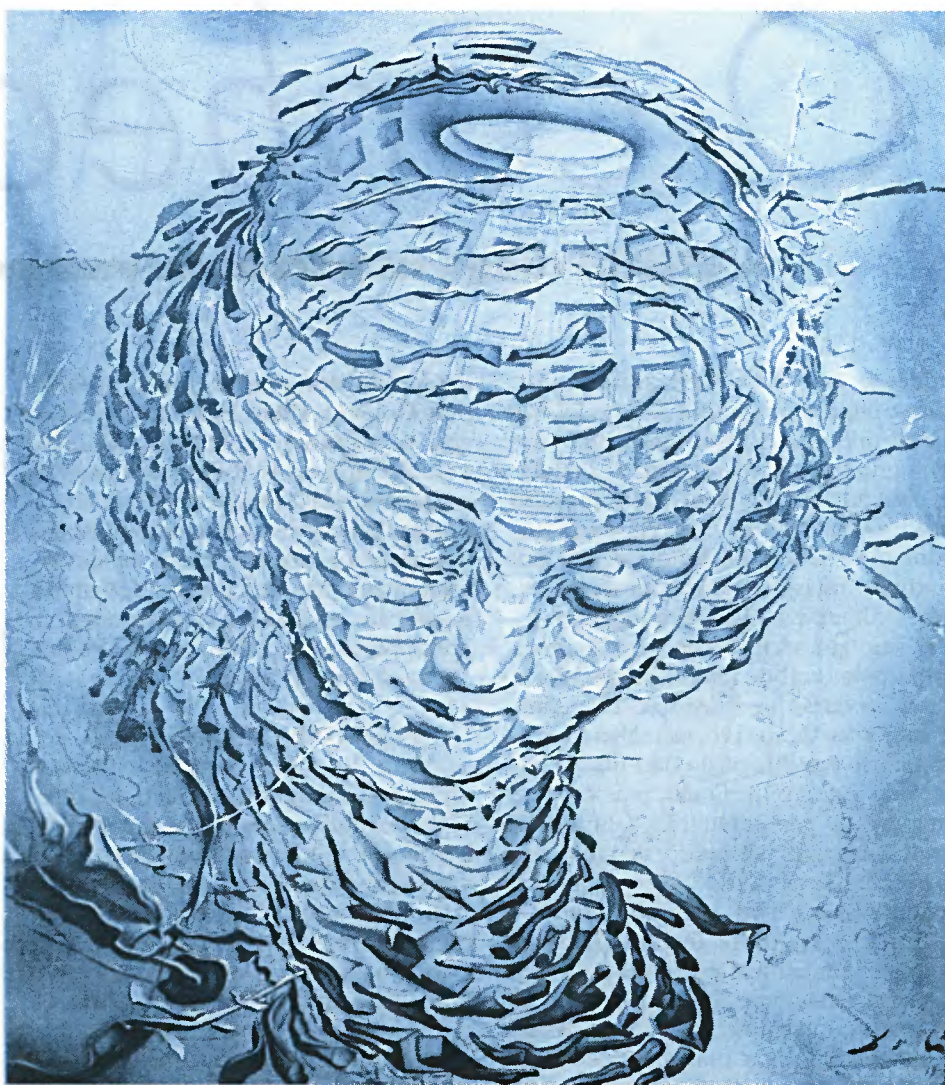
A complexidade de instalar cientistas brasileiros e estrangeiros na Amazônia gerou a necessidade de estabelecer numerosas parcerias. Uma delas foi com o Instituto de Antropologia e Meio Ambiente (Iamá), Organização Não Governamental (ONG) que, fundada em 1987, conta, entre seus pesquisadores, com a participação do cientista social Mauro Leonel, do Departamento de Ciências Políticas da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, câmpus de Marília. “Alugamos parte

de nossas instalações em Ji-Paraná para funcionar como o Centro de Operações brasileiro do Projeto”, diz o docente.

Para Leonel, o Projeto LBA é um esforço importante, que tenta prever o impacto do desmatamento no funcionamento ecológico, climatológico e hidrológico da Amazônia. “No entanto, após essa avaliação técnica da região, não se pode deixar de lado a dimensão humana. Somente assim será possível o pleno desenvolvimento da região”, conclui.



Fonte: Inpe



Cabeça rabafalésca eslovena, 1951. Salvador Dali

Para quem achava que a pior consequência do uso prolongado do computador – esse indispensável aliado de todos nós – fosse a Lesão por Esforço Repetitivo (LER) e uma ou outra dorzinha de cabeça, uma péssima notícia. Estudos desenvolvidos no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), no câmpus de São José do Rio Preto, indicam que a radiação eletromagnética, liberada pelo monitor do computador, pode promover o desenvolvimento de tumores cancerígenos. “Depois de analisar ao microscópio cerca de 2 mil células, concluímos que pessoas expostas à radiação liberada pelos computadores apresentavam cerca de 0,047 de quebras nos cromossomos por célula, contra cerca de 0,025 no grupo de controle”, diz a bióloga Ana Elizabete Silva.

Ao lado do também biólogo Marcos Roberto Higinio Estécio, pós-graduando no Ibilce, a docente realizou, durante dois anos, uma pesquisa em que estudou amostras de sangue de vinte pessoas, entre 24 e 39 anos. Dez delas haviam trabalhado, de quatro a oito horas diárias, por, no mínimo, oito anos seguidos em frente a telas de monitores de computador, enquanto as restantes, que não exerciam qualquer ocupação profissional ou pessoal que envolvesse monitores de vídeo, serviram como grupo de controle, ou seja, um parâmetro de normalidade em termos cromossômicos.

MECANISMO DE DEFESA

A diferença, segundo Ana Elizabete, é significativa. “A quebra dos cromossomos é uma aberração caracterizada pela ruptura de uma parte de sua estrutura. Não causa danos, se o indivíduo tiver um bom mecanismo de defesa e conseguir reparar as células afetadas. Mas, se esse sistema for ineficiente, elas morrem ou geram células defeituosas”, explica. “O problema é que o acúmulo dessas lesões no material genético pode levar ao desenvolvimento de um câncer”, completa Estécio.

Ana Elizabete afirma que a pesquisa não comprova que toda pessoa frequentemente exposta à radiação do monitor irá desenvolver câncer. “Ao que tudo indica, os efeitos do campo eletromagnético não iniciam o desenvolvimento de um tumor, mas podem promover o seu desenvolvimento quando ele já está iniciado”, avalia.

Para os pesquisadores do Ibilce, o campo eletromagnético pode causar uma instabilidade cromossômica relacionada aos eventos de duplicação e reparo do material genético. “Pessoas com esse tipo de problema podem gerar células com uma frequência maior de alterações cromossômicas do que aquelas com genoma estável. Isso aumenta o risco de desenvolvimento de câncer”, explica a bióloga.

LESÕES GENÉTICAS

Embora Ana Elizabete e Estécio tenham verificado a existência de lesões na estrutura dos cromossomos, o mecanismo exato de como essas lesões são produzidas pela radiação ainda é desconhecido. Uma das hipóteses para explicar as alterações é a interferência do campo eletromagnético sobre o sistema de reparo do DNA. “Pessoas que não reparam adequadamente lesões genéticas estão mais sujeitas a acumular danos genéticos do que pessoas mais

resistentes, sendo, portanto, mais suscetíveis ao desenvolvimento do câncer”, diz Ana Elizabete. “A maior ocorrência de câncer entre pessoas expostas a campos eletromagnéticos poderia estar relacionada a essa instabilidade cromossômica”, completa Estécio.

Estudos realizados no Exterior já comprovaram que as radiações de campo eletromagnético influenciam a ação de enzimas, proteínas com atividades importantes na regulação da proliferação celular e nos processos envolvidos no desenvolvimento de tumores. “Nosso trabalho buscou obter dados para compreender melhor a ação do campo eletromagnético sobre o material genético”, diz a pesquisadora (veja quadro).

Até a década passada, cientistas e engenheiros acreditavam que campos eletromagnéticos com ondas de baixa frequência, entre 50 e 80 Hz, não poderiam causar efeitos e alterações significativas no material biológico. Supunha-se que eles não provocariam quebras em liga-

ções moleculares, gerando apenas uma baixa quantidade de calor que sequer elevaria a temperatura do tecido corporal. “Estudos publicados no início dos anos 90 mostraram que essa hipótese é falha, pois animais tiveram seus tumores cancerígenos acelerados quando expostos à radia-

CAMPOS MINADOS

Pesquisa comprova que os campos magnéticos gerados pelos aparelhos eletroeletrônicos podem causar instabilidades cromossômicas e promover o desenvolvimento de tumores cancerígenos

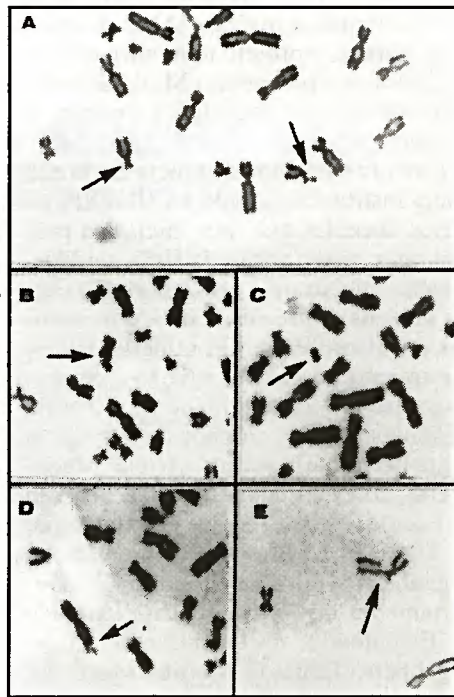


Helcio Teff

INVESTIGAÇÃO

Ana: compreensão dos campos eletromagnéticos

Exemplos de tipos de quebras cromossômicas que podem ser encontradas em pessoas expostas à radiação de monitores de microcomputadores. As alterações estão indicadas por setas



ALIADOS ATÉ CERTO PONTO

Aparelhos oferecem perigo mesmo quando desligados

Rádios, televisões, fornos de microondas e rádios-relógios operam com o mesmo princípio físico: radiação eletromagnética. Esta propagação de energia pelo espaço por meio de campos elétricos e magnéticos faz parte de nosso cotidiano. “Isso é irreversível. Porém, cabe à ciência verificar até que ponto os raios liberados por esses equipamentos podem causar danos à saúde”, diz a bióloga Ana Elizabete Silva, do Ibilce, câmpus de São José do Rio Preto.

Os monitores de microcomputadores, por estarem no dia-a-dia de trabalhadores de todo o mundo e por emitirem todos os tipos de radiação eletromagnética – entre

outras, ondas de baixa frequência, raios X, infravermelhos e ultravioleta –, mereceram atenção especial na pesquisa que Ana Elizabete realizou com o pós-graduando Marcos Roberto Higinio Estécio, também do Ibilce. “O mais preocupante é que, mesmo desligados, os equipamentos eletrônicos, pelo simples fato de estarem conectados a uma fonte elétrica ou magnética, geram um campo eletromagnético”, explica Ana Elizabete. “O desafio é saber quais os efeitos biológicos desses campos, gerados por objetos de uso tão cotidiano, como um simples telefone celular.”

(O.D.)

ção eletromagnética”, conta Ana Elizabete.

No entanto, ainda não existem achados consistentes e conclusivos na literatura médica mundial sobre como a radiação de campo eletromagnético afeta a saúde. “O que existe são pesquisas como a nossa, que apontam uma forte relação entre a radiação e a incidência de câncer, de abortos naturais e de anormalidades na gestação”, relata a bióloga do Ibilce.

Os resultados da pesquisa de Ana Elizabete e Estécio, pioneira no Brasil com monitores de computador, corroboram achados internacionais que avaliam que as células expostas à radiação eletromagnética sofrem um número significativo de alterações cromossômicas. “O campo eletromagnético teria, portanto, um efeito promotor, e não iniciador, de tumores, envolvendo possivelmente alterações em proteínas da duplicação e do sistema de reparo do DNA”, conclui Ana Elizabete.

Oscar D’Ambrosio

O conhecimento sem fronteiras

A UNESP chega às portas de uma nova era, que reduz distâncias antes insuperáveis e promete a universalização do saber

EVANILDO DA SILVEIRA

Com a marcha acelerada da globalização e das novas formas de comunicação, como a Internet, o quadro negro começa a perder a exclusividade como símbolo de uma sala de aula. Um novo equipamento, muito menor, de uso individual, mas infinitamente mais ágil e dotado de um inesgotável arsenal de recursos, está tomando o seu lugar. É o computador, que está tornando possível o ensino a distância e dispensando a presença física dos estudantes nas salas de aula. Depois de cinco anos de estudos, a UNESP está prestes a entrar nessa nova era — a da universidade virtual. Em fevereiro último, ficou pronto o projeto Educação a Distância na UNESP, que, no final do mesmo mês, foi entregue pelo reitor, Antonio Manoel dos Santos Silva, e pela pró-reitora de Graduação, Maria Aparecida Viggiani Bicudo, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) para ser analisado.

A Universidade está pleiteando um financiamento de R\$ 2,5 milhões para colocar em prática o projeto. Se for aprovado pela Fapesp, deverá estar em pleno funcionamento daqui a um ano, com todos os alunos da Graduação tendo cursos de Inglês, Português e Informática por meio de recursos multimídia, entre os quais a Internet. Segundo Maria Bicudo, 32 professores de seis câmpus estarão envolvidos no ensino virtual na UNESP. São pesquisadores dos câmpus de Assis, Araraquara, São José do Rio Preto, Bauru, Rio Claro e Marília, que trabalham com informática, comunicação, português e inglês. "Além de criar esses cursos, o projeto tem outro objetivo", explica a pró-reitora Maria Bicudo. "Ensinar nossos docentes a ensinar a distância."

Embora o ensino a distância ainda não esteja institucionalizado na UNESP, há vários docentes que, por iniciativa própria, mas com o apoio da Universidade, já estão ministrando ou elaborando cursos virtuais. Entre eles, estão, por exemplo, o filósofo Paulo Ghiraldelli, do Departamento de Administração e Supervisão Escolar da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), câmpus de Marília; a engenheira cartógrafa Arlete Meneguette, do Departamento de Cartografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia, da UNESP de Presidente Prudente; o engenheiro Ubirajara Ferreira, do Departamento de Produção da Faculdade de Engenharia, de Guaratinguetá; e o engenheiro Eduardo Martins Morgado, do Departamento de Computação da Faculdade de Ciências, câmpus de Bauru.

METAFILOSOFIA

O curso de Ghiraldelli, *O que é a Filosofia da Educação?* — uma discussão metafísica, começa em março. É composto de 14 lições, escritas por Ghiraldelli, com links (veja glossário) para pesquisas na Internet. "A Rede conta hoje com boas enciclopédias de filosofia, bons sites e muitos textos clássicos", diz Ghiraldelli. "O aluno tem acesso às lições, estuda e tira dúvidas com o professor virtual via correio eletrônico ou via ICQ — sigla derivativa da expressão inglesa *i seek you*, que significa "procurando você". O curso também possui um banco de textos traduzidos."

Ghiraldelli conseguiu um registro de domínio próprio para *site* pela Fapesp. O *site* estará no ar a partir de março, no

endereço <http://www.filosofia.pro.br>. "Ele se chamará *Filosofia & Filosofia da Educação* e funcionará como um programa de educação a distância, inclusive com um audiovisual ao vivo, com filósofos convidados", revela o pesquisador. "A idéia é, no futuro, tentar expandir e integrar outros professores, principalmente amigos estrangeiros."

O contato virtual não será a única forma pela qual os alunos receberão as lições no curso de Filosofia. Eles também terão aulas ao vivo, nas salas da pós-graduação em Educação da FFC. O número de vagas é ilimitado, pois como é um curso de pós-graduação, Ghiraldelli acredita que não poderá ser acompanhado por muitas pessoas. "Selecione os interessados", diz o pesquisador.

O curso on line de *geoprocessamento*, da engenheira cartógrafa Arlete, está mais adiantado. As aulas da primeira turma começarão em 21 de outubro do ano passado e os alunos já estão finalizando seus trabalhos. O curso é oferecido por meio da universidade virtual,

dentro de um projeto implementado pelo Colégio Albert Einstein, de Osasco. "O objetivo é oferecer subsídios voltados ao desenvolvimento e uso das geotecnologias", explica Arlete. "Geoprocessamento é uma área nova de conhecimento, que envolve o desenvolvimento e o uso de sistemas voltados à aquisição, análise, armazenamento e apresentação de informações sobre a Terra obtidas do espaço."

PROTÓTIPO PRESENCIAL

Além das aulas virtuais, os alunos terão ainda uma extensa lista de referências bibliográficas para consulta, pesquisa e leitura complementar. "Haverá uma relação de links para outros sites à disposição daqueles que desejarem se aprofundar nos diversos tópicos. O tempo de duração do curso será de 40 horas-aula (oito semanas). Os únicos requisitos são ter mais de 18 anos e possuir um endereço eletrônico (*e-mail*).

O tema do curso, que será dado, em abril, pelo engenheiro Morgado e por um grupo de pesquisadores dos Depar-



ANÁLISE
Maria Bicudo: projeto na Fapesp

tamentos de Computação e Matemática, da FC de Bauru, será diferente. "Daremos um curso de extensão sobre a utilização da Internet como ferramenta de apoio ao processo de ensino", explica Morgado. "Ele será modular e equivalente a 60 horas-aula presenciais."

Para poder oferecer um curso de qualidade, a equipe da FC de Bauru se preparou bem. "Dedicamos 1998 ao treinamento, testes e montagem da infra-estrutura tecnológica", revela Morgado. "Fizemos uma especialização a distância junto ao *Center of Advanced Educational Services* (CAES), do Massachusetts Institute of Technology (MIT), dos Estados Unidos, sobre o desenvolvimento de programas baseados na Internet." Foi ainda montado um laboratório, composto de servidores de arquivos (servidores de cursos), e realizada uma parceria com

o College of Education da University of Georgia, Estados Unidos, por meio da qual já receberam um professor palestrante. Ao final de 98, realizaram um curso protótipo presencial sobre a montagem de cursos a distância, que está servindo de subsídio para a montagem do primeiro grupo realmente a distância.

O Laboratório de Gestão, do Departamento de Produção da Faculdade de Engenharia do câmpus da UNESP de Guaratinguetá (FEG), é outro que está planejando um curso de ensino a distância. O laboratório oferecerá, de março a junho deste ano, o curso *Organização e Gestão da Inovação Tecnológica*, desenvolvido pelo *Centro de Estudos de Pósgraduação em Administração de Empresas da Univer-*

sidade Politécnica (CEPADE), de Madri. Neste caso, a Internet também servirá para distribuição do material didático em espanhol, tutoriais e avaliações. Promoverá encontros com especialistas e será encerrado com uma aula e exame final presenciais.

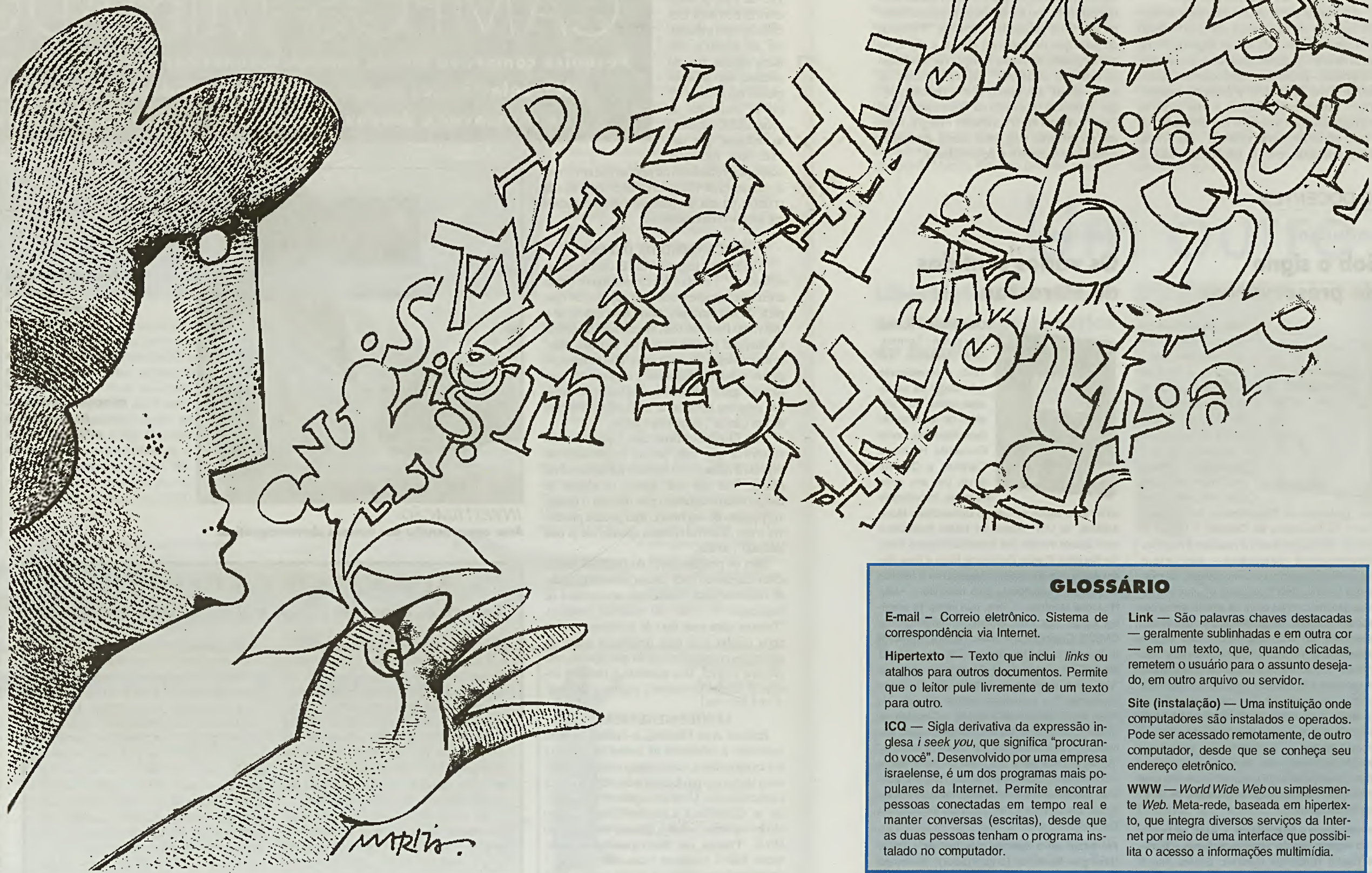
De acordo com o coordenador do Laboratório de Gestão, Ubirajara Ferreira, o curso tem por objetivo dar uma resposta mais rápida aos desafios e ao avanço acelerado do conhecimento, tanto na área científica como na área tecnológica, buscando uma inter-relação entre formação, pesquisa e inovação tecnológica. "O Cepade e o Laboratório de Gestão trabalham em estreita articulação com a realidade empresarial", explica Ferreira. "Isso, aliado à competência técnica de seus docentes e ao prestígio da Universidade Politécnica de Madri e da UNESP, garante aos participantes a qualidade e o reconhecimento profissional de seus títulos."

O curso, com carga horária de 40 horas-aula e 40 vagas, é destinado a professores, pesquisadores e estudantes de pós-graduação da área de política e gestão tecnológica; gerentes e técnicos das áreas de planejamento e desenvolvimento, produção, projetos, marketing e finanças de empresas públicas ou privadas; dirigentes e técnicos de instituições do sistema de inovação; e representantes de agências governamentais. Para participar do curso, os candidatos precisam ter nível superior, entendimento da língua espanhola, habilidade no uso da Internet e pagar uma taxa de R\$ 400,00.

Os pesquisadores que saíram na frente, no ensino a distância, vêm muitas vantagens nos cursos virtuais. Citam a

universalização das oportunidades de aprendizado, a facilidade de acesso *on line* à informação atualizada, a possibilidade de estabelecer contato com seus pares em outras cidades ou países e o conforto de poder desenvolver as atividades sem necessidade de deslocamento. Nem tudo no mundo virtual, porém, são vantagens. O ensino a distância tem lá suas desvantagens — ou desafios — a serem superadas. "É necessário ser disciplinado, autônomo e independente, quer dizer, ter 'aprendido a aprender' por conta própria", diz Arlete. "As metodologias atuais exigem que o aluno seja muito motivado, e o sucesso do curso depende muito dele", completa Morgado. Há ainda outros problemas. Pesquisas internacionais indicam que a redução de custos ainda não é uma realidade. São necessários enormes investimentos em preparação de material e no treinamento de professores.

De qualquer forma, as pessoas envolvidas com ensino a distância acreditam que é importante que as universidades invistam nessa área para desenvolver métodos, estratégias e recursos que resolvam os desafios e eliminem, ou pelo menos diminuam, as desvantagens. "A universidade virtual é uma alternativa para que todos os cidadãos possam participar não só da reconstrução contínua do conhecimento, mas também da sua disseminação", diz Arlete. "É preciso estimular as novas iniciativas, para que um maior número de pessoas atualize ou complemente seus conhecimentos, formando uma grande rede de pessoas e sistemas que troquem experiências, vivências e artefatos culturais."



EXPERIÊNCIAS BRASILEIRAS, DE OLHO NO FUTURO

Embora as iniciativas com ensino a distância, no Brasil, ainda sejam poucas, se comparadas com as dos países desenvolvidos, elas já começam a pipocar por aqui. Uma das primeiras foi a Escola do Futuro, da USP (www.futuro.usp.br), que surgiu em 1988. A Universidade Federal de Santa Catarina (www.ufsc.br) é outra instituição que já tem montado o seu Laboratório de Ensino a Distância, dentro do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Assim como USP e UFSC, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) também aderiu ao ensino a distância e criou a Coordenação Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão (Cogeae - www.cogeae.pucsp.br). Dentre todas, no entanto, a mais avançada talvez seja a Universidade de Brasília (UnB), que, desde março do ano passado, tem em funcionamento a Universidade Virtual, que oferece cursos em diversas áreas do conhecimento.

A iniciativa mais recente da UnB foi a criação de um consórcio de sete

universidades públicas do Centro-Oeste, que formaram a Universidade Virtual do Centro-Oeste, a Univir-CO (www.universidadevirtual.br), que vai oferecer, a partir de abril, cursos de extensão a distância via Internet. "A educação a distância é indispensável num país com as dimensões do Brasil", declarou o reitor da UnB, Lauro Morhy, ao lançar a Univir-CO, no dia 23 de fevereiro passado. Fazem parte desse consórcio, além da UnB, as universidades federais de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e as estaduais de Anápolis, GO; Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

A informatização do ensino também está caminhando em nível federal. O Programa Nacional de Informática na Educação (Proinfo), que estimava, em sua primeira etapa, o biênio 1997/98, a aquisição de 100 mil microcomputadores para serem distribuídos nas escolas públicas de ensino médio e fundamental dos 27 Estados da federação, prevê, por enquanto, apenas a instalação de 3 mil.

SERVIÇO

Endereços eletrônicos para contato e informações:

Paulo Ghiraldelli: paulo@sunline.com.br
Ubirajara Ferreira Jr.: labgestao@feg.unesp.br ou dpd@feg.unesp.br
Arlete Meneguette: arlete@prudente.unesp.br
Eduardo Martins Morgado: emorgado@seed.mec.gov.br

GLOSSÁRIO

E-mail — Correio eletrônico. Sistema de correspondência via Internet.

Hipertexto — Texto que inclui links ou atalhos para outros documentos. Permite que o leitor pule livremente de um texto para outro.

ICQ — Sigla derivativa da expressão inglesa *i seek you*, que significa "procurando você". Desenvolvido por uma empresa israelense, é um dos programas mais populares da Internet. Permite encontrar pessoas conectadas em tempo real e manter conversas (escritas), desde que as duas pessoas tenham o programa instalado no computador.

Link — São palavras chaves destacadas — geralmente sublinhadas e em outra cor — em um texto, que, quando clicadas, remetem o usuário para o assunto desejado, em outro arquivo ou servidor.

Site (instalação) — Uma instituição onde computadores são instalados e operados. Pode ser acessado remotamente, de outro computador, desde que se conheça seu endereço eletrônico.

WWW — *World Wide Web* ou simplesmente *Web*. Meta-rede, baseada em hipertexto, que integra diversos serviços da Internet por meio de uma interface que possibilita o acesso a informações multimídia.

Aqui, todo cliente é preferencial

Descontos especiais, novos serviços, exposições e lançamentos dinamizam a Livraria UNESP



ANIMAÇÃO
Sônia Marques: café, arte e lançamentos semanais

Houve uma época, não faz tanto tempo assim, em que se podiam contar nos dedos as boas livrarias de uma cidade, mesmo das grandes cidades. Suas características e peculiaridades eram facilmente reconhecidas – elas tinham “personalidade”. Na Paris dos anos 20, por exemplo, James Joyce, Gertrude Stein e Ernest Hemingway, entre outros, incluíam a livraria Shakespeare and Co., de Sylvia Beach, em seus roteiros de passeios diários. Da mesma forma, em São Paulo, nas décadas de 40 e 50, a Livraria Teixeira reunia semanalmente intelectuais do porte de Monteiro Lobato, Mário de Andrade e Pagu em animadíssimos saraus literários. Com o passar dos anos, as livrarias multiplicaram-se e tornaram-se verdadeiros supermercados, democratizando obras-primas antes reservadas a poucos – mas deixando de lado quaisquer sinais que as

distinguissem umas das outras.

Algumas livrarias, no entanto, continuam em busca de um diferencial e se desdobram para oferecer a seus clientes algo mais que o “alimento do espírito”. Criada há pouco mais de um ano, no piso térreo do prédio da Reitoria, em São Paulo, a Livraria UNESP corre por fora, entre suas similares na Capital, e promete algumas surpresas para 1999, sobretudo no tocante a serviços. “Montamos uma estrutura ágil e suficiente para atender qualquer pedido na Grande São Paulo em, no máximo, 48 horas”, explica Sônia Marques, superintendente comercial da Editora UNESP. “Se não tivermos o livro, a gente encomenda e entrega no mesmo prazo.” Para clientes de outras localidades, o pedido será enviado pelos Correios, sem custos adicionais, ou via Sedex, com frete pago pelo cliente. Atenta ao depauperado

bolso do consumidor, outra novidade são os descontos oferecidos pela livraria. “Os funcionários da Universidade têm 25% de abatimento sobre as publicações da Editora UNESP e 12% sobre qualquer outro título. Professores de outras instituições têm 15% de desconto e os demais clientes, 10%”, ela relaciona.

VITRINAS TEMÁTICAS

A partir de abril, os 20 mil títulos abrigados nos 160 m² da livraria dividirão espaço com um pequeno café e com exposições de obras de arte – pinturas, desenhos, esculturas, fotografias – de alunos e professores do Instituto de Artes da UNESP e de outras instituições. “Pretendemos animar a loja também com lançamentos semanais dos nossos livros e com obras de outras editoras”, diz Sônia. Outra novidade, esta já implantada, são as

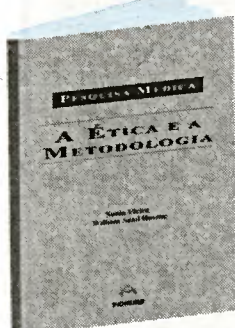
vitricas temáticas. “Cada uma das nossas sete vitricas é ocupada com um tema diferente”, comenta a superintendente.

Trabalhando com livros desde 1987, Sônia pretende, com estas e outras iniciativas em estudo, trazer para a Universidade um pouco da sua experiência no mercado privado. “Continuaremos, claro, com o perfil de uma livraria universitária, mas o amante da boa literatura de ficção ou de livros de arte, por exemplo, vai encontrar aqui os seus autores e artistas preferidos”, lembra. “Partimos do princípio de que todo cliente é vip e, no que depender da nossa equipe, vai sair daqui plenamente satisfeito.” Talvez o cliente se sinta, afinal, um pouco como Hemingway, que anotou, a propósito da Shakespeare and Co.: “...era um lugar acolhedor e alegre, mesmo no inverno, com suas mesas e estantes repletas de clássicos e de novidades.”

LANÇAMENTOS DE DOCENTES

ÉTICA

Quando o homem é a cobaia



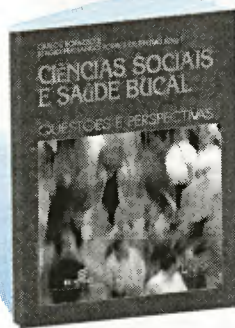
A área médica já não discute mais a necessidade de realizar pesquisas em seres humanos. Chegou-se à conclusão que, de fato, o progresso da medicina depende desse tipo de experimento. A grande questão está nos aspectos éticos envolvi-

dos cada vez que um ser humano é submetido a um tratamento inovador ou a uma pesquisa exploratória. No Brasil, a questão está normatizada pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Mesmo assim, a polêmica continua. Coordenador da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, órgão ligado ao Ministério da Saúde, o médico William Saad Hossne, professor aposentado da Faculdade de Medicina da UNESP, câmpus de Botucatu, e a estatística Sonia Vieira, docente das Faculdades de Odontologia da Unicamp e da Unicastelo, estão lançando *Pesquisa Médica: a ética e a metodologia*, justamente para orientar pesquisadores das áreas médica e biomédica e para os envolvidos nos Comitês de Ética em Pesquisa em hospitais de ensino e outras instituições. “O livro mostra, acima de tudo, que toda pesquisa precisa ser feita dentro de padrões desejáveis de ética e com a metodologia adequada”, diz Hossne.

Pesquisa Médica: a ética e a metodologia – William Saad Hossne e Sonia Vieira; Pioneira; 168 páginas; R\$ 25,00.

ODONTOLOGIA

Sorrisos menos amarelos



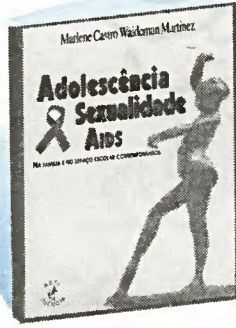
Fala-se muito do diálogo entre as Ciências Sociais e a Medicina, mas há pouca consciência de como a Odontologia e as Ciências Humanas podem se entrosar rumo a uma sociedade em que predomine a saúde bucal. Com essa idéia em mente, os profissionais

de saúde Carlos Botazzo, do Instituto de Saúde da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, e Sérgio Fernando Torres de Freitas, do Departamento de Saúde Pública da Universidade Federal de Santa Catarina, organizaram *Ciências Sociais e Saúde Bucal: questões e perspectivas*. A obra reúne dez artigos, três deles de docentes da UNESP. A antropóloga Elda Rizzo de Oliveira, da Faculdade de Ciências e Letras, câmpus de Araraquara, discorre sobre “Representações sociais sobre doenças: os magos da ciência e os cientistas da magia”, enquanto a psiquiatra Sueli Ongaro, da Faculdade de Medicina (FM), câmpus de Botucatu, co-assina artigo sobre “Contribuição da psicologia da saúde à odontologia”. Doutora em Saúde Pública, a cientista social e política Massako Lyda, também da FM, enfoca “Saúde bucal: uma prática social”. “A realidade social não é uma massa de fatos fragmentados, mas um universo complexo a ser desvendado rumo à reinvenção da saúde bucal”, diz Massako.

Ciências Sociais e Saúde Bucal: questões e perspectivas – Carlos Botazzo e Sérgio Fernando Torres de Freitas; Editora UNESP e Editora da Universidade do Sagrado Coração; 230 páginas; R\$ 21,00.

SEXUALIDADE

Sob o signo do preservativo



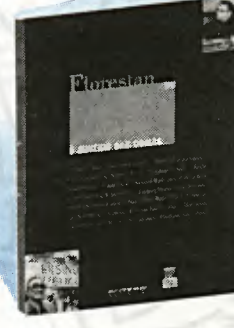
Será que as novas gerações, aquelas que já cresceram sob o signo da Aids e do preservativo, estão de fato mais conscientes das doenças sexualmente transmissíveis e se previnem adequadamente? Para a psicóloga Marlene Castro Waideman Mar-

tinez, professora do Departamento de Psicologia Clínica da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Assis, a resposta é negativa. Em *Adolescência – Sexualidade – Aids: na família e no espaço escolar contemporâneos*, ela mostra que termos como “fidelidade” e “amor eterno” ainda são muito fortes entre os adolescentes dos anos 90. “Racionalmente, eles acham que devem se prevenir da Aids, mas há um hiato entre o conhecimento e a adoção desses métodos”, diz. Ao longo do livro, Marlene relaciona adolescência, sexualidade e Aids com as instituições escolares, mostrando que a maior falha nas campanhas de prevenção é que elas não falam diretamente de sexualidade e muito menos a discutem dentro da escola e da família. “Psicologia, antropologia, sociologia, medicina e valores e crenças familiares devem atuar juntos para que se obtenha uma rede de relações que favoreça a qualidade de vida”, conclui a autora.

Adolescência – Sexualidade – Aids: na família e no espaço escolar contemporâneos – Marlene Castro Waideman Martinez; Editora Arte & Ciência; 160 páginas; R\$18,00.

SOCIOLOGIA

Os vários sentidos de Florestan



O sociólogo e político Florestan Fernandes, falecido em 1995, é considerado o fundador da sociologia crítica no País, além de ter formado pesquisadores como Fernando Henrique Cardoso e Octávio Ianni. Um ano após sua morte, foi realizada

uma homenagem no Centro Universitário Maria Antônia, da USP. Agora, os textos produzidos para aquele evento, por intelectuais como Antonio Candido, Carlos Guilherme Mota e Emir Saad estão disponíveis em *Florestan ou o Sentido das Coisas*, organizado pelo historiador Paulo Henrique Martinez. A obra, que reúne 18 ensaios, conta com dois artigos de docentes da UNESP. O sociólogo Marcelo Ridenti, professor de Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Araraquara, escreve “Um romantismo revolucionário em Florestan Fernandes?” e o cientista político Marcos Del Roio, da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, câmpus de Marília, discorre sobre “Sociologia e socialismo em Florestan Fernandes”. “Ainda é cedo para um balanço da extensa e diversificada obra de Florestan, mas já é possível articular os elos entre sua produção teórica e sua luta política como deputado federal”, diz Del Roio.

Florestan ou o Sentido das Coisas – Paulo Henrique Martinez (organizador); Boitempo Editorial; 264 páginas; R\$ 26,00.



Obra resgata a trajetória de *Nitheroy*, revista pioneira lançada no início do século XIX



Praia do Bolefago, c. 1893. Foto de Marc Ferraz



Românticos de primeira hora

ALEJANDRO FABIAN

Todo pelo Brasil, e para o Brasil". Com esta epígrafe, o poeta Gonçalves de Magalhães, o pintor Araújo Porto alegre (assim mesmo, com minúscula, como ele preferia) e o político Sales Torres Homem lançaram, em 1836, em Paris, apenas dois números da revista *Nitheroy*, publicação dedicada às ciências, letras e artes que, com o propósito de levar o leitor ao costume de "refletir sobre objetos do bem-comum e de glória da pátria", é considerada um dos marcos da primeira geração romântica brasileira.

Compreender como o pensamento desses empreendedores tupiniquins em terras europeias foi se articulando com a sociedade que os cercava é o grande desafio da pesquisadora Maria Orlanda Pinassi, professora do Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, câmpus de Marília. Em *Três Devotos, uma Fé,*

nenhum Milagre, originalmente uma tese de doutorado em Ciências Sociais, ela estuda, sob um prisma sociológico, uma revista que geralmente é enfocada na área da literatura.

MUDANÇAS

A autora mostra como as idéias dos três responsáveis pela publicação começaram a ser gestadas num Rio de Janeiro que enfrentava, no início do século XIX, mudanças com a vinda da Corte portuguesa, a chegada da Missão Francesa, a existência de salões literários e a fundação de novas livrarias. Magalhães, Porto alegre e Torres Homem conseguem assim substituir temáticas meramente regionais por um debate de cunho nacional e cosmopolita, o que ocorre quando, já na França, organizam, em 1834, uma apresentação conjunta no Instituto Histórico de Paris, em que discorrem, respectivamente, sobre literatura, artes e ciência.

A *Nitheroy*, cujos dois números tiveram 188 e 264 páginas, marca bem a transição brasileira de um passado colonial para a busca de um progresso à europeia, para o qual faltavam, porém, recursos materiais e culturais. Nesse sentido, os artigos da publicação criticam a superficialidade política do rompimento com o pacto colonial, apontando como as promessas de um Brasil paradisíaco esbarravam num País grotesco, escravocrata, violento, atrasado e supersticioso.

A análise desenvolvida centra-se numa pergunta: teria sido romântica a primeira geração do romantismo brasileiro? A questão se justifica pelo fato de o romantismo ter, entre seus pressupostos, um sentimento anticapitalista, enquanto os artigos da *Nitheroy* pleiteiam justamente a inserção do Brasil dentro da lógica do capital defendida pela burguesia internacional.

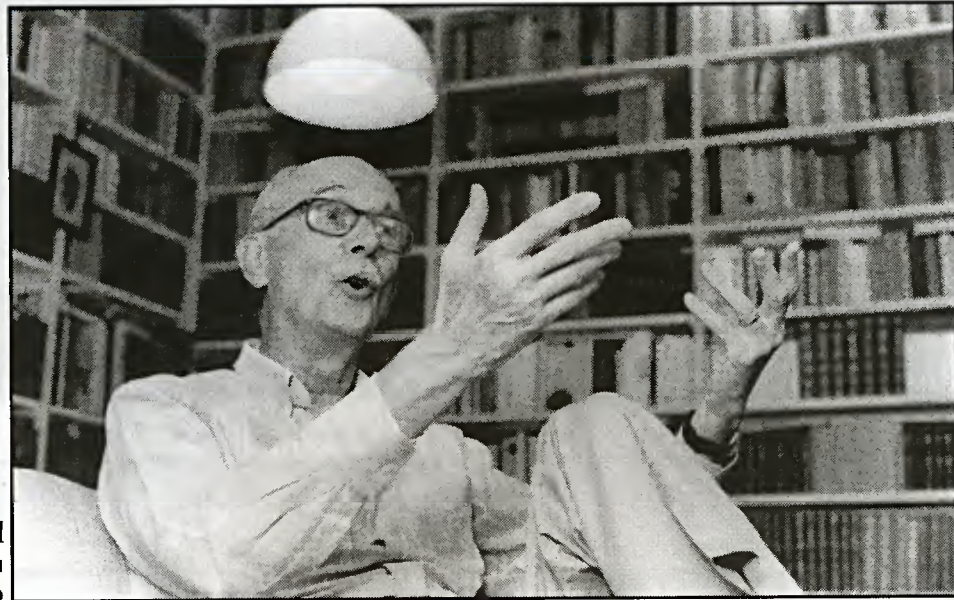
Ao longo do livro, a pesquisadora conta

como os três criadores da publicação chegaram a Paris e resume os principais pontos que defendiam: ruptura com a estética neoclássica portuguesa; opção pelo abolicionismo e pela sua substituição pelo braço livre e assalariado; e busca – histórica, geográfica e etnográfica – das dimensões particularizantes do Brasil para inseri-lo no universo das nações ocidentais modernas.

A autora conclui que o projeto expresso na revista *Nitheroy*, "ainda que confuso, medíocre e vulgar, constituía um salto de qualidade ante as forças escravocratas que seriam a realidade brasileira até 1888". Comprova, assim, como uma publicação geralmente estudada por docentes dos departamentos de literatura ganha uma nova perspectiva ao ser observada pelas lentes das Ciências Sociais, prontas a ver como pensamentos individuais ou de um grupo de intelectuais interagem decisivamente com a sociedade em que foram criados.

Um outro socialismo

Libertário e de olho no futuro democrático do Brasil



Hélio Toth

MILITÂNCIA

Antonio Candido: dicotomia capitalismo/comunismo

Os militantes do Partido Socialista Brasileiro (PSB) nas décadas de 40 a 60 foram – e ainda são – muitas vezes acusados de alienados ou de terem alimentado poéticos devaneios em sua busca por uma alternativa ao comunismo ortodoxo que seguia as regras propostas pelo stalinismo. Segundo o historiador Alexandre Hecker, professor de História Contemporânea da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Assis, essa visão não corresponde à realidade. Em *Socialismo Sociável: história da esquerda democrática em São Paulo (1945-1965)*, originalmente uma tese de doutoramento na área de História Social, Hecker estuda as idéias socialistas não comunistas vigentes no Brasil entre 1945 e 1965, mostrando como elas se

transformaram no período, permanecendo sempre, porém, no campo de um programa voltado para um possível futuro democrático para o Brasil.

O historiador estudou especificamente o Partido Socialista Brasileiro (PSP) em São Paulo, tanto pela relevância de seus quadros, que contaram com figuras de destaque no cenário político e cultural do País, como o crítico literário Antonio Candido, quanto pela vasta documentação escrita do PSP paulista, que manteve, entre outras publicações, a *Folha Socialista*, que circulou, com interrupções, entre 1947 e 1965.

Outra fonte de pesquisa foram entrevistas com mais de 30 membros destacados e militantes esporádicos do Partido (o citado Anto-

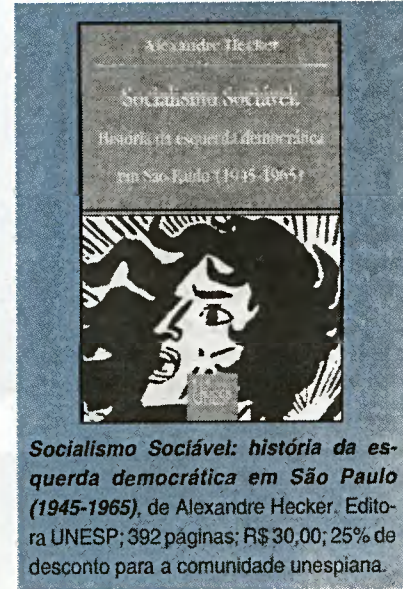
nio Candido, David Lerer, Fúlvio e Perseu Abramo, Maurício Tragtenberg e Paul Singer, entre outros), além de líderes de movimentos políticos voltados para os interesses políticos dos trabalhadores (Almino Affonso, Abeguar Bastos), dirigentes e militantes do PCB (Salomão Malina, Jacob Gorender) e o general Rubens Resstel, figura relevante nos desdobramentos do golpe político-militar de 1964.

Para o pesquisador, os socialistas ligados ao PSP paulista pecaram por não conseguirem se libertar da dicotomia capitalismo/comunismo. Eles almejavam uma sociedade democrática igualitária e contestavam o autoritarismo do PCB, porém não tinham força ideológica para mobilizar o eleitorado. Sem a bandeira da ditadura do proletariado pregada

pelos comunistas ou a proposta de uma melhoria no dia-a-dia conquistada de cima para baixo, nos moldes do PTB, o PSP fracassou nas urnas.

A pesquisa permitiu concluir que o PSP-SP jamais estabeleceu uma teoria "nítida e acabada do socialismo, nem pretendia". Para Hacker, o partido foi paulatinamente se definindo muito mais pela contraposição "meticulosa e criativa" ao PCB do que por ter um projeto próprio. Assim, seu principal legado não seria uma doutrina, mas sim a lição – muito atual – da permanente procura de um "outro socialismo", distante do autoritarismo do comunismo stalinista e do capitalismo selvagem que busca o lucro sem medir consequências.

Oscar D'Ambrosio



Mãe menininha

Número de adolescentes grávidas aumenta significativamente no País e preocupa médicos, psicólogos e sociólogos

TÂNIA BELICKAS

Aos 15 anos de idade, Ana Cláudia já não frequenta tão assiduamente as reuniões da turma. As roupas mais justas, os decotes mais profundos, dão um tempo no armário. Já nem se lembra mais da última vez que teve disposição para paquerar, e os estudos, sabe-se lá quando serão retomados. Sua atenção, agora, está toda voltada para seu bebê, Isabele. Ela nasceu no último dia 17 de dezembro com três quilos, de um parto normal e na data prevista. Uma história com final feliz, ao contrário de tantas outras que se desenrolam com preocupante frequência no País. "Eu achava que o meu corpo não ia agüentar o peso da criança", lembra, hoje, Ana Cláudia. "Fiquei enorme."

A preocupação da adolescente tinha fundamento. As chances de possíveis complicações de uma gestação no auge da puberdade são, de fato, bastante grandes. "Uma adolescente de 14, 15 anos, não está preparada, nem física nem emocionalmente, para ter relações sexuais ou para engravidar", considera a psiquiatra Edy Hiroko Nakamoto. Edy trabalha no Centro de Saúde Escola (CSE) de Botucatu, coordenado por docentes do Departamento de Saúde Pública da Faculdade de Medicina (FM) da UNESP e conveniado à Secretaria de Estado da Saúde. E foi justamente a ação deste centro que ajudou a conferir à história de Ana Cláudia um desfecho feliz. Foi lá, em repetidas consultas com obstetras e psicólogos, que ela aprendeu a controlar a ansiedade de ser mãe antes da hora. "Os médicos me cobriam de atenção e recomendações", recorda. "E, se Isabele nasceu sem problemas, devo muito disso a eles."

A perfeita saúde com que Isabele chegou ao mundo, no entanto, infelizmente está longe de ser uma regra. De acordo com os especialistas, é significativo o número de adolescentes que passam pelo CSE e por outros centros similares para corrigir os efeitos de um aborto malsucedido ou em busca de ajuda para bebês prematuros e de baixo peso. "Isso acontece porque a adolescente está em pleno desenvolvimento físico e, segundo alguns autores, ao engravidar, passa a

competir com o feto na disputa por nutrientes", explica a obstetra Iracema de Mattos Paranhos Calderon, vice-chefe do Departamento de Ginecologia e Obstetrícia da FM e responsável pelo pré-natal de adolescentes no Hospital das Clínicas (HC). A prematuridade também pode ser provocada por doenças como a hipertensão arterial materna. No caso das adolescentes que, na maioria das vezes, estão na primeira gestação, Iracema explica que o risco de hipertensão induzida pela gravidez é maior, tanto pela idade precoce como pelo fato de ser o primeiro filho. "O quadro hipertensivo da mãe pode gerar efeitos adversos no interior do útero e, portanto, no feto, levando a um nascimento prematuro", observa ela.

CRESCIMENTO ASSUSTADOR

Para desalento dos especialistas, o fenômeno da gravidez na adolescência não pára de crescer no Brasil. Em 1997, de acordo com os dados do Ministério da Saúde, havia quase um milhão de jovens grávidas entre 10 e 19 anos, contra 638.087 em 1993 — um aumento de 36% no período. Pesquisa realizada no ano passado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) constatou que 11% das adolescentes brasileiras entre 15 e 19 anos, sexualmente ativas, não queriam ter filhos. Não usavam, entretanto, nenhum método contraceptivo.

Diante das estatísticas cada vez mais assustadoras, vários hospitais brasileiros estão criando programas especiais para o atendimento das jovens gestantes. Em Botucatu, já funciona o Ambulatório de Pré-Natal de Adolescentes, no Hospital das Clínicas. Lá, as garotas recebem assistência pré-natal com o apoio de psicólogos, assistentes sociais, nutricionistas e acompanhamento obstétrico até darem à luz. Em 1996 e 1997 foram realizados 526 partos em adolescentes de até 19 anos, o que corresponde a 19,5% do total (veja quadro). Nos três últimos anos dobrou a porcentagem de mães menores de 16 anos: de 2,3%, em 1995, para 4,6%, em 1998. "Esse número é bastante elevado quando comparado aos dados da literatura internacional", ressalta Iracema.



Detalhe de A Família da Acrobata com um Macaco (1905), de Pablo Picasso



PREVENÇÃO

Massako e Margareth: pesquisa comprova aumento de mães adolescentes



RISCO

Iracema: bebês prematuros e de baixo peso

Fotos Hélio Toth



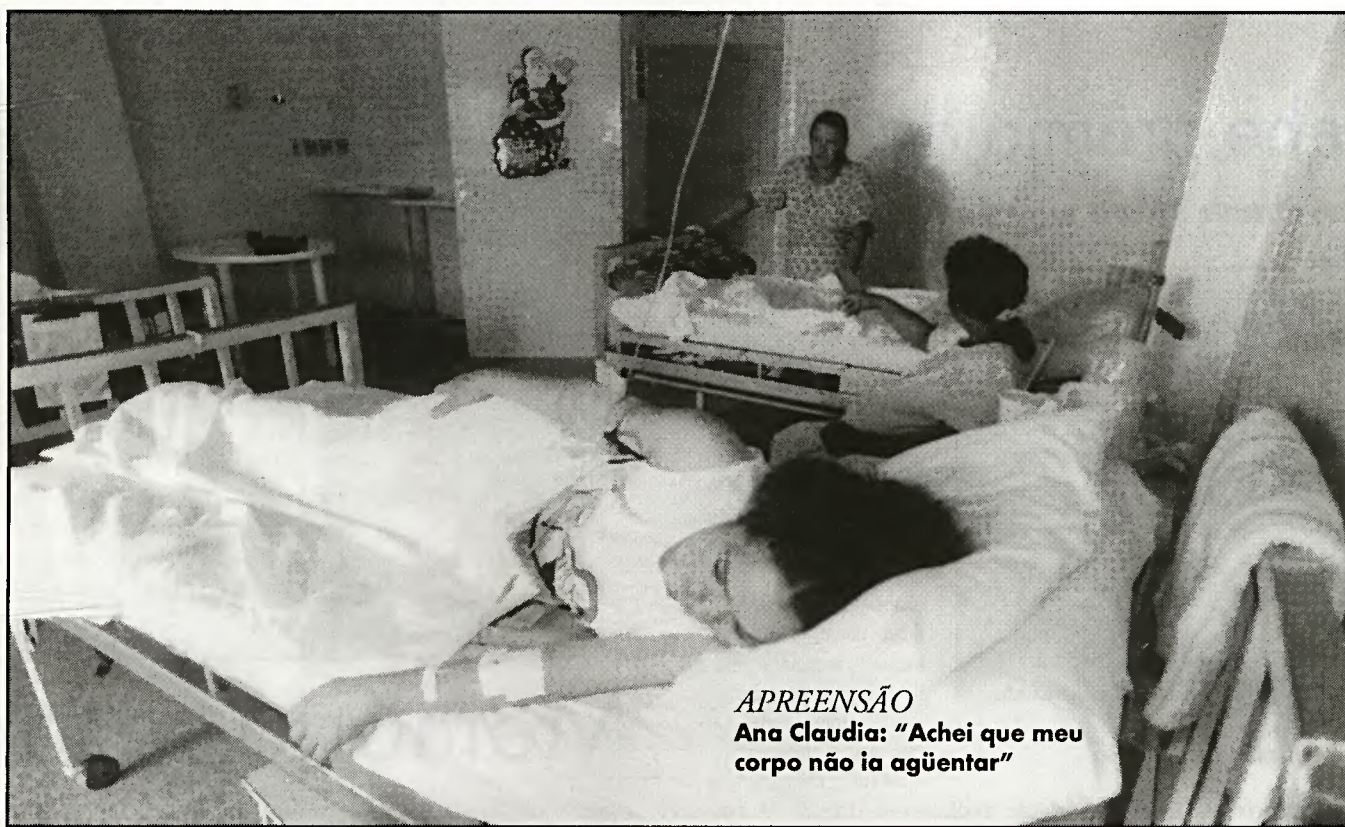
De acordo com levantamento feito pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), a Direção Regional de Botucatu, área que abrange o município e outras onze cidades nos arredores, concentra a maior proporção de mães adolescentes do Estado, perdendo apenas para a região de Registro, ao Sul de São Paulo. Vários pesquisadores do câmpus da UNESP vêm se debruçando sobre a temática. Além de profissionais dos Departamentos de Ginecologia e Obstetrícia e de Pediatria, docentes do Departamento de Saúde Pública realizaram um amplo levantamento sobre o número de bebês nascidos no município, de acordo com a faixa etária da mãe, no período de 1970 a 1997.

Ao fazer a análise nos três cartórios de registro civil da cidade e na Fundação Seade, as sociólogas Margareth Aparecida Santini de Almeida e Massako Iyda constataram que, em 1997, de um total de 1.876 crianças, 468 eram mães com menos de 19 anos, representando 24,9% do total (veja gráfico). "Esse número ultrapassa a cifra de filhos gerados por mulheres entre 25 e 29 anos no mesmo período", nota Margareth. As sociólogas verificaram também que caiu a quantidade de nascimentos na faixa etária de 20 a 24 anos. "Diferentemente de décadas atrás, as garotas de hoje adiam a maternidade para se dedicar mais à vida profissional", avalia ela.

Diante da comprovação do crescimento do número de adolescentes grávidas no município, Margareth e Massako decidiram investigar também se estavam aumentando as inscrições das jovens no serviço de pré-natal do CSE, que atende 30% da população nas mais diferentes modalidades médicas. As pesquisadoras constataram que em 1987, início da pesquisa, as adolescentes com menos de 19 anos correspondiam a 23,9% dos casos, enquanto que em 1995 esse número saltou para 35,4%. "Isso é decorrência do vertiginoso avanço da gravidez entre as jovens nos últimos anos", enfatiza Margareth.

AUMENTO DA FECUNDIDADE

Embora a maioria das garotas tenha se inscrito no pré-natal ainda no primeiro trimestre da gestação, a socióloga Massako ressalta que há uma parcela significativa delas que procura o serviço tardiamente. "Do ponto de vista da assistência pré-natal, esse comportamento não é recomendado", alerta. O que mais chamou a atenção das pesquisadoras, no entanto, foi a constatação de que das 1.929 adolescentes inscritas no CSE de 1987 a 1995, quase 20% já tinham tido pelo menos um filho. Isso confirma os dados do Ministério da Saúde, que apontam que uma em cada dez mulheres brasileiras de até 19 anos já tem duas crianças. "Enquanto no País a taxa de fecundidade da mulher vem caindo, a das adolescentes está crescendo", diz Margareth. Para os especialistas, a atitude das jovens,



APREENSÃO
Ana Claudia: "Achei que meu corpo não ia agüentar"

de não utilizar métodos contraceptivos, se deve ao fato de não assumirem que têm vida sexual ativa. "Não adianta a jovem ter a informação sobre como prevenir a gestação se não está autorizada socialmente a fazer uso dela", diz a psicóloga Carmem Lúcia Sussel, que está realizando uma dissertação de mestrado sobre o tema na Faculdade de Ciências e Letras do câmpus de Assis. Uma das explicações para essa conduta, segundo Carmem, está no preconceito que cerca a prática sexual entre os adolescentes. "Apesar da liberalização dos costumes, ainda é forte a ideologia que prega o relacionamento sexual somente dentro do casamento", afirma. Na pesquisa realizada com jovens em Assis, a preocupação com a gravidez, por exemplo, é maior entre os meninos do que entre as meninas (veja texto).

PRECOCIDADE

Num estudo sobre o estado nutricional e assistência pré-natal de gestantes que se inscreveram nas unidades básicas de saúde

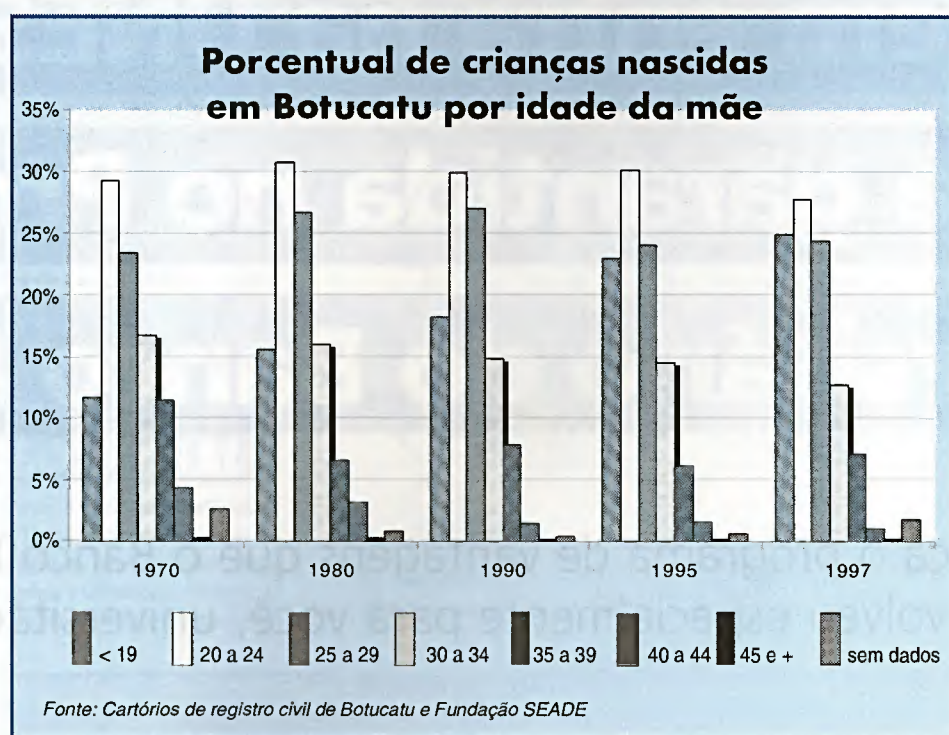


SEXUALIDADE
Edy: adolescentes sem preparo

de Botucatu, Margareth traçou um perfil de 150 adolescentes grávidas, atendidas entre dezembro de 1996 e janeiro de 1998. Ela descobriu que a maioria começou a se relacionar sexualmente aos 15 anos. Quase 50% das garotas tinham a oitava série incompleta e namoravam jovens na faixa etária de 20 a 24 anos. "É interessante observar que as jovens acabam se unindo a homens mais velhos, com uma vida mais estruturada", diz ela. "Para algumas delas, ter filho pode ser um projeto de vida", avalia. Outra constatação foi a de que as adolescentes não abandonam os estudos. "É raro os pais expulsarem de casa uma filha adolescente grávida", diz a socióloga. "Assim, elas têm condições de continuarem na escola."

Para a psiquiatra Edy, que realiza um trabalho de orientação sexual junto às adolescentes no CSE, os pais acabam assumindo um papel que não é deles. "Tratam do neto como se fosse um filho, não permitindo que a adolescente assuma a sua responsabilidade de ser mãe." O ideal, na opinião de Edy, é que a jovem inicie a sua vida sexual mais tarde.

Tomar pílulas na adolescência também é prejudicial. "Compostas basicamente por hormônios, elas alteram o desenvolvimento ósseo, inibindo o crescimento da garota, principalmente se ingeridas num prazo inferior a dois anos após a primeira menstruação", esclarece a obstetra Iracema. As adolescentes, alerta a médica, depois da menarca, ainda têm potencial para crescer até os 18 anos. A obstetra acha necessário, porém, evitar a todo custo a gravidez precoce. Nesse sentido, ela afirma que, para as jovens que têm atividade sexual esporádica, a melhor alternativa seria usar apenas o preservativo, para evitar, inclusive, as doenças sexualmente transmissíveis. Já para as adolescentes que têm um parceiro fixo ou se relacionam com vários parceiros ao mesmo tempo, é inevitável a combinação pílula e camisinha. "Nesse caso, ainda é melhor a pílula do que ser surpreendida com uma gravidez precoce", aconselha.



NÚMERO DE PARTOS POR FAIXA ETÁRIA

	< 16	16-19	> 19	Total
1995	31	187	1.083	1.301
1996	30	211	1.060	1.301
1997	53	232	1.111	1.396
1998*	43	137	739	919

* Até setembro

Fonte: Departamento de Ginecologia e Obstetrícia da FM/Botucatu - Hospital das Clínicas

Cultura machista prejudica prevenção

Adolescentes evitam anticoncepcionais temendo o estigma de "galinha"

De um lado, crianças pequenas, franzinhas, muitas vezes correndo risco de vida. De outro, mães angustiadas, despreparadas, solitárias. O que leva as adolescentes a continuar se relacionando sem prevenir-se contra uma possível gravidez, Aids ou outras doenças sexualmente transmissíveis? Para a psicóloga Carmem Lúcia Sussel, que está desenvolvendo dissertação de mestrado sobre "As relações entre as concepções e práticas dos adolescentes em seus relacionamentos afetivos e a gravidez indesejada na adoles-

cência", na Faculdade de Ciências e Letras do câmpus de Assis, é muito comum o jovem buscar experiências sexuais para conquistar uma "imagem adulta", até porque está passando por uma transformação biológica radical em seu corpo, inclusive o despertar da libido. "Mas, no caso das meninas, embora haja uma aparente permissividade no campo sexual, elas não estão autorizadas a assumir a sua sexualidade e têm medo de ser chamadas de 'galinha' ao usarem contraceptivos", afirma.

A despreocupação da adolescente com a

maternidade precoce ficou constatada na pesquisa que Carmem realizou junto a 165 adolescentes, entre 13 e 18 anos, de algumas escolas públicas de Assis. Ao questionar sobre o que os jovens mais temiam no seu relacionamento amoroso, 25,64% dos meninos apontaram o medo de ocorrer a gravidez, contra apenas 10,97% das meninas. Nessa mesma questão, a maior preocupação demonstrada pelas garotas foi com a perda ou traição por parte do namorado (37,55%). "Enquanto as adolescentes estão mais voltadas ao aspecto afetivo do

namoro, os garotos inquietam-se com as consequências do ato sexual", diz.

Esse comportamento é resultante, segundo Carmem, do duplo padrão moral da sociedade que incentiva o homem a dar provas de sua virilidade por meio da atividade sexual e cobra da garota a "pureza" até o casamento. "As garotas vêem o sexo como algo vergonhoso, o que denuncia a repressão que sofreram da sociedade, impossibilitando formas responsáveis de assumir a sexualidade, como o uso de contraceptivos", conclui.

Aluno recebe prêmio da FAO

Estudante vence certame sobre segurança alimentar

Estabelecer os entre cooperativismo, segurança alimentar e desenvolvimento sustentável foi o desafio que o agrônomo Marcelo Sans Dodson, 24 anos, recém-formado pela Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV) da UNESP, câmpus de Jaboticabal, enfrentou, com sucesso, ao obter o primeiro lugar no Concurso Nacional de Monografias sobre "Cooperativa e Segurança Alimentar", promovido pela Organização das Cooperativas Brasileiras, Associação das Cooperativas Internacionais e FAO—Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação.



MONOGRAFIA
Dodson: bolsa de estudos

Dodson, que recebeu como prêmio uma bolsa de estudos nos EUA, com duração de quatro semanas, lembra que tomou conhecimento do concurso, em Jaboticabal, durante uma palestra do engenheiro agrônomo Roberto Rodrigues, doutor "Honoris Causa" pela UNESP e professor do Departamento de Economia Rural da FCAV. "Faltavam 15 dias para o encerramento das inscrições, mas meu texto acabou sendo escolhido entre dezenas de participantes de universidades de todo o País", diz o laureado, que recebeu o prêmio, em novembro último, em Brasília, na sede da FAO.

RAÍZES NO CAMPO

Nascido em Americana, SP, Dodson vem de uma família com raízes no campo. "Meu avô foi agricultor e meu pai é agrônomo. A paixão pela terra vem do berço", comenta. Sobre o trabalho premiado, explica que abordou o desenvolvimento

sustentável e a segurança alimentar, considerando que a questão ambiental determinará o comportamento dos mercados do mundo nos próximos anos. "Quanto maior a faixa etária e o nível educacional do povo, mais exigente será o consumidor com relação aos atributos de qualidade de um produto alimentar", avalia.

O tema do concurso, "Cooperativa e Segurança Alimentar Sustentável", foi elogiado pela comunidade acadêmica da UNESP. "A proposta forçou os participantes a realizar uma reflexão a respeito da segurança alimentar", diz a veterinária Maria Inez Espagnoli Geraldo Martins, professora do Departamento de Economia Rural da FCAV e co-orientadora do trabalho de conclusão de curso do agrônomo, que enfocou indicadores de qualidade total na produção de milho e o desempenho econômico dessa cultura. "Dodson mostrou que, além de ser um bom técnico em Ciências Agrárias, é capaz de entender a agricultura brasileira de maneira ampla."

Em seu trabalho, Dodson considera segurança alimentar muito mais que prover alimentos para a população. "É a condição para a existência de uma sociedade organizada", diz. Para o agrônomo premiado, deve-se buscar não apenas o aumento de empregos no campo, mas uma verdadeira melhoria na qualidade de vida. "Para se atingir uma distribuição equitativa e estável de alimento, é necessário criar uma nova consciência ambiental em todos os componentes do *agribusiness*."



Arquivo pessoal

DEBATE
Oliveira, Monarcha e Niskier: problemas da educação brasileira

Memória resgatada

Monografia premiada lembra obra de Lourenço Filho

Autor da célebre cartilha *Upa, cavalinho!* e de outras obras fundamentais para a educação brasileira, Manoel Bergström Lourenço Filho (1897-1970) anda um tanto esquecido. Para resgatar a memória do educador e corrigir esse erro injustificável, o educador Carlos Monarcha, professor do Departamento de Administração e Supervisão Escolar da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, câmpus de Marília, escreveu o texto "Lourenço Filho e a Organização da Psicologia Aplicada à Educação (São Paulo: 1921-1934)", que obteve, entre 19 trabalhos, o primeiro lugar no Concurso Nacional de Monografias sobre Educação – Prêmio Lourenço Filho/1998, concedido pela Academia Brasileira de Educação (ABE). "Quero que novos pesquisadores conheçam melhor a produção intelectual e a atuação administrativa de Lourenço Filho nos

meios educacionais", diz o docente.

O objetivo de Monarcha será cumprido, já que a monografia premiada será publicada pela ABE e distribuída entre instituições de ensino e pesquisa de todo o País. "O concurso busca justamente estimular o interesse dos educadores pelo estudo da problemática da educação brasileira e da valorização do trabalho do educador", diz Carlos Alberto Serpa de Oliveira, presidente da ABE, que, ao lado de Arnaldo Niskier, presidente da Academia Brasileira de Letras, e Edília Coelho Garcia, presidente da Associação Brasileira de Educação, compareceram à cerimônia de entrega do Prêmio, no Auditório da Fundação Cesgranrio, no Rio de Janeiro, em dezembro passado. "Foi uma satisfação ser o primeiro colocado e divulgar o nome de um educador que colaborou com a formação de milhões de professores, graças a seu projeto humanista", conclui Monarcha.

Quem entra na UNESP

tem vaga garantida no Programa

Universitário do Banco Real.

Conheça o programa de vantagens que o Banco Real desenvolveu especialmente para você, universitário.

- Sem comprovação de renda. • 6 meses de isenção nas principais tarifas. • Realmaster*, 10 dias por mês sem juros.
- Cartão Universitário ou Real Visa Múltiplo*.
- RealCap Universitário. • Seguro Real Vida Universitário.
- Crédito Parcelado* para compra de livros. E muito mais!

* Sujeito a análise e aprovação de crédito.



Banco Real

www.bancoreal.com.br



REFORMA AGRÁRIA

Luta secular pela terra

Pesquisa investiga 100 anos de conflitos fundiários no Pontal de Paranapanema

Localizada no extremo sudoeste do Estado de São Paulo, no triângulo formado pelos rios Paraná e Paranapanema, a área denominada Pontal do Paranapanema, que compreende cerca de 6 mil km², apresenta lutas fundiárias seculares. A bibliografia para quem estuda o tema ainda é pequena, mas um importante passo foi dado com a recente publicação de *A ocupação do Pontal do Paranapanema* (Editora Hucitec/Fundunesp; 206 páginas; R\$20,00), do geógrafo José Ferrari Leite, professor aposentado do Departamento de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) do câmpus de Presidente Prudente. "É um trabalho de livre-docência que, ao ganhar a forma de livro, auxilia a compreensão da história da luta pela terra e pela cidadania na região e no País", diz seu colega Bernardo Mançano Fernandes, também da FCT.

Embora defendida em 1983, a tese, segundo Mançano, permanece atual. A obra é o resultado de um trabalho árduo, de intensa pesquisa documental, que demorou mais de dez anos para ser concluída. "Infelizmente, o professor Leite sofreu um derrame cerebral, em 1992, que o levou a se aposentar, mas seus estudos são uma referência obrigatória para quem for estudar a luta pela terra no Pontal", diz o também geógrafo Alvanir Figueiredo, da FCT.

GRILAGEM

No livro, Ferrari percorre os meandros do complexo processo de grilagem do Pontal do Parana-

nema, iniciado em 1880. "Ele mostra como a grilagem levou à destruição de duas grandes reservas florestais: a Lagoa São Paulo e a Grande Reserva do Pontal", reflete Mançano. "Os grileiros se apropriaram da terra e da mão-de-obra dos trabalhadores, rapinando a terra, enriquecendo e levando à miséria numerosas famílias, que derrubavam a

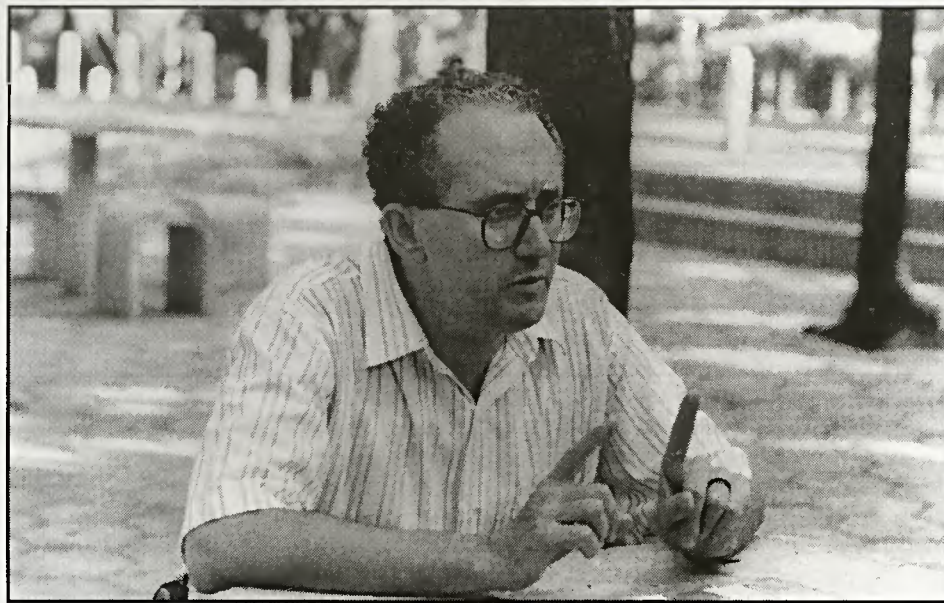
mata sob a promessa de ficarem trabalhando nela. Mas, terminado o trabalho, eram expulsos e, se resistissem, eliminados."

Mançano ressalta que, na obra, Ferrari detalha um conflito ocorrido em 1967 entre os posseiros e grileiros da fazenda Bandeirantes, na reserva Lagoa São Paulo. Um grileiro mandou assassinar uma

família de posseiros que se recusava a pagar a terça parte de sua produção. Em represália, foi morto. O delegado regional de Presidente Prudente acusou então um dos posseiros que participou da ação de ter sido guarda-costas de Carlos Marighela, informação posteriormente desmentida pelo Departamento de Ordem Política e Social (Dops). "Essa tática de dar aos conflitos fundiários uma dimensão maior do que eles realmente possuem continua até hoje no Pontal", analisa Mançano.

Na década de 1990, após diversas ações do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) na região do Pontal, o Estado, por meio da Secretaria da Justiça e Defesa da Cidadania, mais especificamente do Instituto de Terras do Estado de São Paulo (Itesp), iniciou um processo de negociação com os grileiros e proprietários da região para regularizar as terras em litígio. "Depois de explorarem as terras por dezenas de anos e de destruírem as reservas florestais, os grileiros puderam vendê-las ao Estado pelo preço de mercado", revolta-se Mançano.

Para entender todo esse processo de conflitos seculares, o livro de José Ferrari Leite, segundo Figueiredo, é um marco. "Ocupa certamente um lugar entre as grandes obras que nos ajudam a compreender os processos de ocupação do espaço geográfico do Estado de São Paulo, diz. "Virada a última página, o leitor não terá mais dúvidas sobre a geografia e a história do Pontal do Paranapanema", completa Mançano.



Hélio Toth

SEM DÚVIDA
Mançano: geografia e história do Pontal

ASSIS

• 31/03. Término do prazo de inscrição para o Curso de Pós-graduação em **Psicologia**. Áreas de Conhecimento: Psicologia e Sociedade (mestrado). Na Faculdade de Ciências e Letras. Informações: (018) 322-2933, ramal 216.

BAURU

• Março. Período de inscrição para o Curso de Atualização **Execução de Estruturas de Concreto com Qualidade e Durabilidade** a ser realizado de abril a junho de 99. Promoção do Departamento de Engenharia Civil. Na Faculdade de Engenharia (FE). Informações: (014) 230-2111.

• Março. Período de inscrição para o Curso Temático **Utilização Básica da Calculadora HP-48G/GX na Engenharia Civil**, a ser realizado de abril a junho de 99. Na FE. Informações: (014) 230-2111.

• Março. Período de inscrição para o Curso de Extensão Universitária **Estabilidade de Taludes**, a ser realizado de abril a maio de 99. No Departamento de Engenharia Civil da FE. Informações: (014) 230-2111.

• Março. Período de inscrição para o Curso Temático **Introdução à Resistência de Aterramento e sua Medição**. Promoção do Departamento de Engenharia Elétrica. Na FE. Informações: (014) 230-2111.

• Março. Período de inscrição para o Curso Temático **Introdução ao Ambiente e Linguagem de Programação Científica - MATLAB - Parte I**, a ser realizado em abril. Na FE. Informações: (014) 230-2111.

• Março. Período de inscrição para o Curso de Extensão Universitária **Máquinas Elétricas Especiais**, a ser realizado de abril a junho de 99. Na FE. Informações: (014) 230-2111.

FRANCA

• 1º e 4/03. Curso de planejamento para supervisores de estágio de Serviço Social. Promoção do Departamento de Serviço Social e coordenação da Prof.ª Israild Jacometti Chinali. Na Faculdade de História, Direito e Serviço Social. Informações: (016) 711-1800.

AGENDA

RELAÇÃO DOS EVENTOS PROMOVIDOS
PELAS UNIDADES NO MÊS DE MARÇO

ILHA SOLTEIRA

• 13/03. **Dia de Campo - Milho**. A partir das 8h na Fazenda de Ensino e Pesquisa da Faculdade de Engenharia, em Selvíria, MS. Promoção do Departamento de Biologia. Informações: (018) 762-2179.

JABOTICABAL

• 20/03. Curso **Agricultura Sustentável Módulo I**. Organização da Fundação de Estudos e Pesquisas em Agronomia, Medicina Veterinária e Zootecnia (Funep). O curso abordará o conceito de agronomia



Paulo Zilberman

sustentável, uso do solo e sustentabilidade, importância do plantio direto na agricultura sustentável e relação das doenças com rotação de cultura. Na Sala 31 da Central de Aulas da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV). Informações: (016) 323-1322 ramais 223 e 224.

PRES. PRUDENTE

• 06/03. Início do Curso de Pós-graduação "Lato Sensu" **Especialização em Gestão Educacional**. Realização do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT). No Senac de Presidente Prudente, av. Manoel Goulart, 2881. Informações:

BIOLOGIA MARINHA

O mar está para peixe

Uma semana em Ubatuba, entre siris e camarões

Para os interessados em desenvolver trabalhos científicos no ambiente marinho, o Departamento de Biologia Aplicada da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV) do câmpus de Jaboticabal oferece o curso de Extensão Universitária **Biologia Marinha — Diversidade e Adaptações dos Organismos Marinhos**, que acontece de 15 a 21 de março, em Ubatuba, SP. Abordando tópicos como a biodiversidade dos caranguejos, siris e camarões da enseada de Fortaleza, fatores ambientais e sua interação com os organismos marinhos e biodiversidade e estrati-

ficação de algas em costões rochosos, o curso pretende tornar o aluno apto a reconhecer os diferentes aspectos de um trabalho científico e seu significado. "Além de acompanhar cada etapa da execução de um trabalho científico, no final, os alunos deverão apresentar seminários", explica a engenheira agrônoma Maria do Carmo Damasceno Pavan, responsável pela disciplina Sistemática Vegetal, na FCAV, e colaboradora do evento. A coordenação é do biólogo Marcelo Antonio Amaro Pinheiro, da FCAV. Informações: (016) 323-2500, ramal 230 ou 323-1322, ramais 219, 224 e 230.

Renata Franco



Curso: 60 horas no litoral norte paulista

Arquivo

(018) 222-9122 ou 221-5388, ramal 239.

• 06/03. Início do Curso de Pós-graduação "Lato Sensu" **Especialização em Ensino do Texto: Teoria e Prática na Sala de Aula**. Realização do Departamento de Educação. Na FCT. Informações: (018) 221-5388, ramal 239.

S. J. RIO PRETO

• Março. Início do Curso de Pós-graduação em Estudos Linguísticos. Áreas de pesquisa: Análise Linguística e Linguística Aplicada (mestrado). No Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce). Informações: (017) 221-2456 ou 221-2410.

• 05/03. Término do prazo de inscrição para os cursos de Difusão Cultural e de Extensão: Reading Skills for Specific Purposes - Inglês Instrumental, Língua Inglesa, Língua Italiana, Língua Francesa, Língua Espanhola e Italiano para Proficiência Linguística. No Ibilce. Informações: (017) 221-2456 ou 221-2410.

• Toda 6ª feira e Sábado. Cursos de Pós-graduação "Lato Sensu" em Direito das Obrigações, Planejamento e Desenvolvimento Econômico e Estudos avançados de Língua Inglesa. Coordenação dos professores Gentil de Faria e Trajano Pires da Nóbrega Neto. No Ibilce. Informações: (017) 221-2456 ou 221-2410.

SÃO PAULO

• 05/03. Último dia de inscrição para o Curso de Extensão Universitária **A Educação e a Música nos Diálogos de Platão**, a ser realizado de 9 de março a 22 de junho, todas as terças-feiras. Ministrado pela Prof.ª Zylpha Carvalho. No Instituto de Artes (IA). Informações: (011) 274-4733, ramal 221.

Atenção, unidades:

Prazo para envio de informações para a Agenda:
- edição de abril, 15/03
- edição de maio, 14/04
- edição de junho, 17/05

TERRA DE GIGANTES



Dinosaur Picture Gallery



Difícil acreditar que ali, naquela mesma paisagem, hoje monotona e recoberta por extensos canaviais, viveram tantos e tão estranhos animais. Faz tempo,

muito tempo isso, coisa de 180, 200 milhões de anos. O solo, então, era quase que completamente nu e arenoso, constantemente sacudido por violentos terremotos, e a atmosfera, empastada por intensa atividade vulcânica. Era preciso ter a pele dura para viver ali. Recobertos por uma espessa couraça, dotados de dentes em forma de punhais que chegavam a 15 cm, medindo quando nada 25 metros de comprimento e pesando 30 toneladas, os dinossauros reinavam, soberanos, sobre a Terra.

Na região denominada pelos paleontólogos de Grupo Bauru, que compreende o centro-oeste paulista, o noroeste do Paraná, o Triângulo Mineiro e o leste do Mato Grosso do Sul, eles eram um pouco menores, mas ainda assim desconhecidos. Podiam atingir 15 metros de comprimento e 15 toneladas. Essas, aliás, são as medidas aproximadas de uma das mais importantes descobertas paleontológicas no Brasil, nos últimos anos: restos fósseis de um saurópodo da família dos titanossauros, com idade presumida de 70, 80 milhões de anos. A história desse feliz achado, na verdade, remonta a 1985, quando começaram a aparecer os primeiros cacos do bichão, na Fazenda Santa Irene, próxima a Monte Alto, a 80 km de Ribeirão Preto.

Em novembro do ano passado, finalmente, chegou-se ao final das escavações, que reuniram mais de três toneladas de rochas. Lapidadas, essas rochas começaram a revelar um mundo perdido, um tesouro de incalculável valor. A peça mais importante desse conjunto foi descoberta, intacta, já no final dos trabalhos: o fêmur do titanossauro, com 1,60 m de comprimento, 60 cm de circunferência e 100 quilos. Além dele, foram encontrados 100 quilos de vértebras do pescoço e da cauda, várias costelas e fragmentos de dentes. "Esta região é riquíssima em fósseis", explica o biólogo Reinaldo Bertini, do Departamento de Geologia

Fósseis de 80 milhões de anos revelam existência de uma nova espécie de dinossauro no interior de São Paulo



Fotos: Belo Bapista

TESOURO

Campos (à esq.), Bertini e o fêmur do titanossauro: 1,60 m e 100 quilos

Sedimentar do Instituto de Geociências e Ciências Exatas do câmpus de Rio Claro. "Trata-se de uma cobertura sedimentar com 90 milhões de anos, e nas rochas sedimentares invariavelmente existem fósseis."

FAUNA DIVERSIFICADA

Bertini, que coordena os trabalhos na região, explica que o saurópodo encontrado é um titanossauro do gênero *Eurosauros*. "O desenho desses animais é bastante típico: são quadrúpedes, têm membros colunares, pescoço e cauda longos e cabeça pequena", descreve. "Surgiram há uns 200 milhões de anos, na Era Mesozóica, e desapareceram junto com a dinossauroada toda, há 65 milhões

de anos." De acordo com o biólogo, o titanossauro, que era herbívoro – devorava 200 quilos de alimentos, por dia —, viveu numa época e numa região onde a diversidade dos animais era muito grande. De fato, só na região de Monte Alto há registros de 30 sítios paleontológicos. "A fauna dos vertebrados do Grupo Bauru está entre a mais diversificada dessa época, em toda a América do Sul", comenta. "Identificamos seis grupos diferentes de peixes, quatro espécies diferentes de tartarugas, sapos, lagartos, cobras e mais de uma dúzia de formas diferentes de crocodilos." Um desses crocodilos inéditos, aliás, acabou sendo batizado de *Montessusuc* *altensis*, numa alusão à cidade onde foi encontrado.

Mas aquela era, sobretudo, uma terra de gigantes. Além desses pequenos animais, o titanossauro tinha, por companhia, os dinossauros carnívoros, ou deynonicossauros, predadores bípedes de até 2 metros de altura (quem não se lembra dos terríveis velociraptadores do filme *O Parque dos Dinossauros*?), os dinossauros necrófagos, primos dos tiranossauros do Norte, e os dinossauros herbívoros. Por fim, havia os mamíferos primitivos, nossos ancestrais, que herdariam o planeta após a extinção dinossauriana.

Essa história não estaria sendo contada, no entanto, não fossem os esforços de um oficial de justiça aposentado, Antonio Celso de Arruda Campos, de 64 anos. Foi Campos que, alertado pelo dono da Fazenda Santa Irene, apressou-se em chamar o biólogo Reinaldo Bertini, em Rio Claro, distante 200 quilômetros de Monte Alto. "Quando vi o tamanho daquele osso, percebi logo que era um fóssil e que tinha valor científico", lembra-se Campos. Corria o ano de 1985 e, desde então, as escavações não pararam mais. O material retirado foi tanto, e tão valioso, que em 1992 a Prefeitura local fundou o Museu Municipal de Paleontologia que, hoje, abriga mais de 1.300 peças – inclusive, claro, os restos mortais do titanossauro (veja quadro).

Preparando-se para uma carreira planetária, o saurópodo já está com o passaporte carimbado e deverá peregrinar por alguns dos mais importantes centros paleontológicos do mundo. "Vamos apresentá-lo formalmente à comunidade internacional", informa Bertini. "Estamos estudando o material para saber melhor o que ele significa em termos cronológicos e em termos paleoambientais. O que já sabemos, com segurança, é que esta é a primeira menção ao gênero *Eurosauros* na Bacia do Paraná e que se trata de uma espécie nova. Provavelmente, trata-se também de um gênero novo".

Paulo Velloso

A CASA DOS DINOS



Exposição:
1.300 peças,
em 300 m²

Museu reúne mais de mil peças e recebe 2.500 visitantes por mês

Conhecida sobretudo por ser a terra natal de "Santa" Izildinha, que anualmente reúne milhares deromeiros de todo o País em torno de seu mausoléu, Monte Alto começa a fazer parte, também, do roteiro de paleontólogos de todo o mundo. Cidade com não mais de 45 mil habitantes, localizada na região Centro-Norte do Estado, a 340 quilômetros de São Paulo, tem sido chamada, agora, de a "terra dos dinossauros".

Pertencente ao que os especialistas chamam de Grupo Bauru, Monte Alto tem, na constituição de seu solo, um tipo de rocha – a sedimentar – que preserva fósseis, protegendo-os da erosão. Assim, ossos fósseis praticamente "brotam" do chão, na região. O saurópodo de 80 milhões de anos, por exemplo, foi encontrado quando um sítante, à procura de um bezerro extraviado, literalmente tropeçou na ossada, à flor da terra. "Outro dia, numa simulação de escavação, uma criança encontrou uma vértebra caudal de dinossauro", confirma Antonio Celso de Arruda Campos, responsável pelo Museu Municipal

de Paleontologia de Monte Alto.

Do primeiro achado, em 1985, até hoje, Campos, com o auxílio do biólogo Reinaldo Bertini, da UNESP, câmpus de Rio Claro, já desenterrou e preparou para exposição mais de três toneladas de rochas. Em 1992, sensibilizada pelos esforços da dupla, a Prefeitura construiu um irretocável museu, que hoje abriga 1.300 peças em seus 300 m². Além do eurosauro, estão em exposição ali o crânio do crocodilo *Montessusuc* *altensis*, restos de tartarugas, moluscos, escamas de peixes, dentes, coprólitos (fezes) e vários diagramas, mapas e desenhos que facilitam a vida do visitante, perdido entre tantos períodos e eras. "Recebemos uma média de 2.500 visitantes por mês", orgulha-se Campos, hoje um paleontólogo amador. Bertini confirma a excelência do museu: "Esse é o único museu municipal de paleontologia digno desse nome que conheço no Brasil. O resto não passa de *shoppings* disfarçados para a venda de fósseis".

(P.V.)